O RETORNO AO DESERTO

BERNARD-MARIE KOLTÈS

Why grow the branches now the toot is wither'd?
Why wither not the leaves that want their sap?
Por que os galhos ainda crescem, se a raiz está seca/
Por que as folhas não secam, se estao privadas de sua seiva?

(Shakespeare, Ricardo III. II, 2; tradução a partir da tradução para o francês de Bernard-Marie Koltès.**)**

PERSONAGENS

(UMA CIDADE DO INTEIRO; NO LESTE DA FRANÇA, INÍCIO DOS ANOS 60)

MATHILDE SERPENOISE
ADRIEN, seu irmão, industrial.
MATHIEU, filho de Adrien.
FÁTIMA, filha de Mathilde.
EDOUARD, filho de Mathilde.
MARIE ROZÉRIEULLES, primeira mulher de Adrien, morta.
MARTHE, sua irmã, segunda mulher de Adrien.
MAAME QUEULEU, empregada doméstica, há anos na casa.
AZIZ, empregado doméstico diarista.
O GRANDE PÁRA-QUEDISTA NEGRO
SAÏFI, dono do café.
PLANTIÈRES, chefe de polícia.
BORNY, advogado.
SABLON, prefeito da cidade.

I SOBH

1

(MURO QUE CERCA O JARDIM. EM FRENTE À PORTA DE ENTRADA, ABERTA. DE MANHA BEM CEDO.)

MAAME QUEULEU
- Aziz, entra, anda logo. Tem muito trabalho hoje, porque Mathilde, a irmã do seu Adrien, está voltando da Argélia com os filhos. É preciso preparar tudo, e sozinha eu não vou conseguir.

AZIZ
- Já vou, Maame Queuleu. Mas eu pensei que tinha escutado passos e barulho de vozes; e, a essa hora, nesta rua, isso me pareceu estranho.

MAAME QUEULEU
- As ruas são perigosas. Entra depressa. Eu não gosto de deixar esta porta aberta.

AZIZ (em árabe**)**
- Este está se anunciando como um dia daqueles.

MATHILDE (em árabe**)**
- E por que seria um dia daqueles?

AZIZ (em árabe**)**
- Por que se a irmã for tão imbecil quanto o irmão, isso está prometendo.

MATHILDE (em árabe**)**
- A irmã não é tão imbecil quanto o irmão.

AZIZ (em árabe**)**

- E como é que você sabe disso?

MATHILDE (em árabe**)**

- Porque a irmã, sou eu.

(ENTRAM FÁTIMA E EDOUARD COM SUA MALAS.)

MAAME QUEULEU

- Entre, Aziz, não fique aí parado em frente à porta. **(**A Mathilde**)** Quem é você? O que você está procurando?

MATHILDE

- Me deixe passar, Madame Queuleu. Sou eu, Mathilde.

2

(HALL DE ENTRADA; UMA GRANDE ESCADARIA.)

MATHILDE

- Quem é essa mulher velha que está descendo as escadas?

MAAME QUEULEU

- É Marthe.

MATHILDE

- Quem, então?

MAAME QUEULEU

- Marthe, a irmã de Marie.

MATHILDE

- O que ela está fazendo aqui, a esta hora e com essa roupa?

MAAME QUEULEU

- Mathilde, Mathilde, é a mulher de Adrien. Tenha pena dela.

(ENTRA ADRIEN, NO ALTO DA ESCADA.)

ADRIEN

- Mathilde, minha irmã, aqui está você de novo na nossa querida cidade. Você veio com boas intenções? Porque, agora que a idade nos acalmou um pouco, poderíamos nos esforçar e não brigar durante o curto período da sua estadia. Eu peguei o hábito de não brigar mais durante esses quinze anos de sua ausência, e seria difícil retomar um hábito antigo.

MATHILDE

- Adrien, meu irmão, minhas intenções são as melhores possíveis. E se a idade te acalmou, eu fico muito feliz: as coisas serão mais simples durante o longo tempo que eu pretendo passar aqui. Porque pra mim, a idade, em vez de me acalmar, me deixou bastante irritada; e entre a sua calma e a minha irritação, tudo irá muito bem.

ADRIEN

- Você quis fugir da guerra e, naturalmente, você veio para a casa onde estão suas raízes; você fez muito bem. A guerra vai acabar em breve e em breve você vai poder voltar para a Argélia, para o bom sol da Argélia. E esse tempo de incertezas pelo qual estamos passando, você terá passado aqui, protegida dentro desta casa.

MATHILDE

- Minhas raízes? Quais raízes? Eu não sou um pé de alface; tenho pés e eles não foram feitos para se enterrarem na terra. Quanto a esta guerra, querido Adrien, eu estou pouco me fodendo. Não estou fugindo de guerra nenhuma; ao contrário, eu estou vindo trazê-la pra cá, pra esta linda cidade, onde eu tenho algumas velhas contas pra acertar. E se eu levei tanto tempo pra vir acertar estas pequenas contas, é porque tantas desgraças me fizeram ficar mais doce; só que depois de quinze anos sem desgraça as lembranças voltaram, e o rancor, e o rosto dos meus inimigos.

ADRIEN

- inimigos, minha irmã? Você? Nesta linda cidade? A distância deve ter aumentado mais ainda a sua imaginação, que no entanto já não era pequena; e a solidão e o sol escaldante da Argélia devem ter fervido o seu cérebro. Mas se, como eu acredito, você veio aqui contemplar sua parte na herança para ir embora depois, está bem, contemple, veja como eu cuido bem dela, admire como eu a embelezei, esta casa, e, quando você tiver olhado bem, tocado, avaliado, nós prepararemos a sua partida.

MATHILDE

- mas eu não vim para partir outra vez, Adrien, meu querido irmãozinho. Eu estou aqui com as minhas bagagens e meus filhos. Eu voltei para esta casa, naturalmente, porque ela é minha; e, embelezada ou enfeiada, ela continua sendo minha. Eu quero, antes de mais nada, me instalar no que é meu.

ADRIEN

- Ela é sua, minha querida Mathilde, ela é sua: está muito bem. Eu te paguei um aluguel, e valorizei consideravelmente esta velharia. Mas ela é sua, tudo bem. Não comece a me irritar, não comece a protestar sem razão. Tenha um pouco de boa vontade, eu te suplico. Vamos tentar de novo, começando pelo bom dia, porque agora tudo já desandou.

MATHILDE

- Vamos tentar, meu velho Adrien, vamos tentar.

ADRIEN

- Não pense, Mathilde, minha irmã, que eu vou te deixar tomar ares de proprietária e vagabundar pelos corredores mexendo em tudo como se fosse a dona da casa. Não se pode abandonar um terreno improdutivo, esperar bem tranqüilo que algum imbecil o cultive, e voltar no momento da colheita para reivindicar seus direitos. Se esta casa é sal, a prosperidade dela é minha, e pode acreditar, eu não abandonarei esta parte. Você mesma, você escolheu a sua parte. Você me deixou a usina por impotência, e você ficou com a casa por preguiça. Mas esta casa, você a abandonou para fugir não sei pra onde e não sei de quê. E agora, ela adquiriu hábitos sem você; ela tem o seu próprio cheiro, seus ritos, ela tem suas tradições, ela reconhece os seus donos? É melhor não tratá-la bruscamente, e eu a protegerei se você quiser bagunçá-la.

MATHILDE

- Por que eu bagunçaria a minha casa, se eu quero morar nela? Eu julgo, pela prosperidade da casa, que a sua usina deve estar bem gorda, ela também deve render ótimos dividendos, e fazer, dos seus banqueiros, os melhores amigos que um homem jamais teve. Fosse você pobre, eu teria te mandado arrumar suas malas; mas, já que você é rico, não te mandarei embora, eu vou cuidar de você, do seu filho, e do resto. Contudo, faço questão de lembrar que a cama onde eu dormirei é minha, que a mesa onde eu comerei é a minha mesa, e que a ordem ou a desordem que eu porei nos salões serão uma ordem e uma desordem justas e legítimas. E além do mais, já era tempo que eu voltasse, porque nesta casa estão faltando mulheres.

ADRIEN

- Ah, não, minha querida Mathilde, não falta não, e haverá sempre mulheres demais. Esta casa é uma casa de homens, e as mulheres que passam por ela nunca serão nada além do que convidadas e rapidamente esquecidas. Foi nosso pai quem a construiu, e quem se lembra da mulher dele? Eu mesmo continuei tomando conta dela, e quem, minha pobre Mathilde, guarda lembrança da sua existência? Aqui está você na sua própria casa como uma convidada; porque se você acha que vai reencontrar sua cama como um velho móvel familiar, não é tão certo assim que sua cama te reconheça.

MATHILDE

- Pois eu sei, depois de quinze anos, e mais dez ainda, anos e anos dormindo em outros lugares, eu sei que eu vou entrar no meu quarto com os olhos fechados, e eu dormirei na minha cama como se eu tivesse sempre dormido ali, e a minha cama me reconhecerá na mesma hora. E também, se ela não me reconhecer, eu vou pular em cima dela até que ela se lembre muito bem de mim.

ADRIEN

- Eu sabia: você veio aqui para fazer o mal. Você está se vingando da sua desgraça. Você sempre teve desgraças para poder se vingar; você atrai a desgraça, você a procura, você corre atrás dela pelo prazer do rancor. Você é ura e tem o coração seco.

MATHILDE

- Adrien, você está ficando nervoso. Se você nunca me fez mal, por que eu iria querer me vingar de você? Adrien, nós ainda não nos dissemos bom dia. Vamos tentar mais uma vez.

ADRIEN

- Não, eu não quero mais tentar.

(ELE SE APROXIMA DE MATHILDE. MARTHE E MAAME QUEULEU ENTRAM.)

MARTHE (A Maame Queuleu**)**

- E então, quem é essa mulher?

MAAME QUEULEU

- É Mathilde.

MARTHE

- Virgem Maria, como ela cresceu!

ADRIEN

- Eu esqueci o nome dos seus filho.

MATHILDE

- Edouard, o menino, e a menina, Fátima.

ADRIEN

- Fátima? Você é louca. Vai ser preciso trocar esse nome; vai ser preciso encontrar um outro nome pra ela. Fátima! O que eu vou dizer, quando me perguntarem o nome dela? Eu não quero que riam de mim.

MATHILDE

- Ninguém vai mudar nada. Um nome, não se inventa, recolhe-se em torno do berço, pega-se no ar que a criança respira. Se ela tivesse nascido em Hong-Kong, eu a teria chamado Tsonei Taï, eu a teria chamado Shadémia se ela tivesse nascido em Bamaco, e, se eu tivesse parido em Amecameca, seu nome seria Iztaccihuartl. Quem teria me impedido? Não se pode pegar uma criança, assim que ela nasce, e rotulá-la para exportação.

ADRIEN

- Ao menos durante o tempo em que você ficar, ao menos aqui, ao menos na frente dos amigos. Vamos chamá-la Carolina.

MATHILDE

- Fátima, venha cumprimentar o seu tio. Edouard, vem aqui.

MARTHE

- Como eles cresceram! Eles aprenderam a ler? Eles leram a Bíblia? Esta garotinha está bem crescida; ela faz sua devoções a Nossa Senhora de la Saltte? Eles conhecem Mama Rosa, a santa?

MATHILDE

- Adrien, Adrien, é verdade que você se casou com isso?

ADRIEN

- O quê?

MATHILDE

- Essa aí, atrás de você. Você deve saber muito bem com o que você se casou, não?

ADRIEN

- Sim, é verdade, eu me casei com ela.

MATHILDE

- Você continua um macaco, Adrien. Casar com essa depois de ter casado com a irmã! Marie, pobre Marie. Tudo que era bonito, doce, frágil, terno, nobre em Marie ficou enrugado nessa aí.

ADRIEN

- Ter essa por perto me impede de me lamentar pela outra.

MATHILDE

- E seu filho, diz o quê? Pobre Mathieu!

ADRIEN

- Meu filho não diz nada. Nunca. Não na minha frente, em todo caso. Além do mais, meu filho não é pobre, e não está aqui pra se lamentar.

MATHILDE

- E você dorme na mesma cama que ela? Ela bebe, não é? Eu vejo isso na cara dela.

ADRIEN

- Não sei. Talvez. Parece. Não na minha frente, em todo caso.

MATHILDE

- Você é mais idiota que um gorila, Adrien. Você prefere as caricaturas, você prefere as reproduções baratas, a feiúra, a tudo o que é bonito e nobre. Não, eu nunca vou olhar para ela como sua mulher. Marie está morta, você não tem mais mulher.

ADRIEN

- E você, você não tem mais marido do que eu tenho mulher? De onde eles saíram, esse dois? Nem você mesma sabe. Não me dê lições, Mathilde. Nós somos irmão e irmã, e pronto. Bom dia, Mathilde, minha irmã.

MATHILDE

- Bom dia, Adrien.

ADRIEN

- E eu que pensei que ia te encontrar com a pele bronzeada e enrugada como uma velha árabe. Como você faz, com esse sol fodido na Argélia, pra continuar lisa e branca?

MATHILDE

- A gente se protege, Adrien, se protege. Diz pra mim, meu irmão: você continua com essa mania de não calçar sapatos? E quando você sai de casa, como você faz?

ADRIEN

- Eu não saio, Mathilde, eu não saio de casa. **(**Mathieu entra.**)** Maame Queuleu, Aziz, preparem os quartos! Mathilde vai dormir no quarto dela como sua filha, e seu filho junto com o meu, no quarto do meu filho.

MATHIEU

- Eu não quero esse menino no meu quarto. Eu não quero ninguém no meu quarto. O meu quarto é meu.

(ADRIEN DÁ UMA BOFETADA EM MATHIEU.)

EDOUARD

- O seu quarto não é seu, buraco do cu! Vem, mamãe, vamos, vamos nos instalar.

3
O SEGREDO DENTRO DO ARMÁRIO

(O QUARTO DE DORMIR DE MATHILDE. UMA CAMA, UM ARMÁRIO. MATHILDE ESTÁ DEITADA NA CAMA. FÁTIMA ENTRA.)

FÁTIMA

- Mamãe, eu encontrei alguém no jardim, alguém que eu nunca tinha visto, e que me faz lembrar alguém, alguém cujo nome eu não ouso dizer, porque esse alguém me proibiu de dizer. Mamãe, mamãe, levanta! Estão se passando coisa muito estranhas nesta casa, e eu detesto aqui. Vem comigo, mamãe. Esse alguém desapareceu assim que apareceu no céu uma luz, uma luz bem fraquinha, a primeira luz da aurora. Mas vem: eu tenho certeza de que a grama ainda está amassada, e talvez ainda tenha sobre o tronco da árvore um pedaço de sua roupa, porque esse alguém se apoiou na árvore. Mamãe, esta casa é cheia de segredos e me dá medo.

MATHILDE

- Não, eu não quero me mexer. Eu levei horas para esquentar esse lençóis, e agora eu não me mexerei mais até o café da manha. Vem aqui do meu lado; está quente; dorme. Faltam ainda algumas horas até as badaladas do café da manha e o apetite já está me rondando. É melhor esperar pacientemente dormindo. Você fala comigo depois do café.

FÁTIMA

- não, eu não posso dormir. Esta casa é horrível e eu estou me sentindo mal demais.

MATHILDE

- Se você a tivesse conhecido no tempo da Marie! Vem dentro dos lençóis ficar perto de mim que eu vou te contar como Marie era boa; eu vou te contar a história da Marie, minha amiga, meu amorzinho de Marie que fazia esta casa ficar tão agradável e quente. Eu vou ficar te contando essas histórias até você dormir.

FÁTIMA

- Você, mamãe, você só pensa em dormir e ficar lembrando o passado, enquanto tantas coisas estão se passando.

MATHILDE

- Como é que é, eu só penso em dormir? Eu estava justamente encontrando o sono, depois de uma noite de insônia.

FÁTIMA

- Você sempre diz isso, mas é só você chegar perto de uma cama que você começa a roncar.

MATHILDE

- Roncar, eu? Eu não ouvi nada. É outono nessa cidade, essa chuvinha nojenta que entope o nariz.

FÁTIMA

- Mamãe, mamãe, eu estou te falando que eu encontrei alguém. Vem, senão você não vai acreditar em mim; a grama do jardim vai voltar ao normal, e o vento e o orvalho terão lavado o tronco da árvore. Mas eu quero que você acredite em mim. Levanta, põe um vestido.

MATHILDE

- Que cara é essa, Fátima? Conta logo, esse segredo conta; ele está fazendo seu rosto inchar, ele está saindo pelos seus olhos; conta pra mim, ou você vai explodir.

FÁTIMA

- Um segredo não deve ser dito.

MATHILDE

- Eu estou mandando que você me conte. Eu conheço, esses segredos, esses encontros à noite no jardim, e nove meses depois, não é mais um segredo, e sim um escândalo. Fale pra mim: quem é esse homem? O que ele fez com você? Fala, eu estou mandando você me dizer; porque, se você não contar pra mim, quem é que vai aliviar você do seu segredo?

FÁTIMA

- Eu não disse que era um homem.

MATHILDE

- O que você lhe disse? Vocês se falaram? É uma aparição a quem se pode falar?

FÁTIMA

- Eu não falei nada, porque eu estava com muito medo.

MATHILDE

- Mas e o que ela te disse, então, você pode me dizer? Era uma aparição tão muda quanto você?

FÁTIMA

- Não, ela falou comigo.

MATHILDE

- Me diz o nome dela.

FÁTIMA

- Nunca.

MATHILDE

- Então, diz o nome dela dentro do armário, isso vai te aliviar. Vai e diz o nome nos vestidos, eu não quero saber. Mas você vai ficar doente se você continuar guardando esse nome. **(**Fátima se fecha dentro do armário, depois sai.**)** Já?

FÁTIMA

- não era um segredo longo.

MATHILDE

- Em todo caso, você não está mais tão vermelha. Por que fazer tanta
história por um segredo tão pequeno?

FÁTIMA

- Eu disse que ele não era longo, eu não disse que ele era pequeno.

MATHILDE

- Eu vou pôr um vestido e não vou com você. Mas você acha que vai poder continuar vivendo como uma selvagem, aqui? Você acha que a gente vai poder continuar vivendo como antes?

(ELE ABRE O ARMÁRIO.)

FÁTIMA

- Eu não queria, mamãe, que essa coisa me acontecesse.

MATHILDE

- Que nome você disse?

FÁTIMA

- Nenhum, eu não disse nenhum nome.

MATHILDE

- Eu ouvi um nome.

FÁTIMA

- Eu não abri a boca, eu fiquei lá sem dizer nada.

MATHILDE

- Nas dobras dos meus vestidos, eu ouvi um nome.

FÁTIMA

- O que esse nome estaria fazendo nos vestidos? Você está sonhando , mamãe; você está me gozando. Você não acredita em mim.

MATHILDE

- Não, eu acredito em você. Vamos ficar juntas, não vamos nos separar. Agora sou eu que estou com medo. Vem perto de mim, Fátima. Vamos nos enfiar embaixo do lençol.

FÁTIMA

- Você está tremendo, mamãe, parece que você está com frio.

MATHILDE

- Marie.

FÁTIMA

- O quê? Por que você disse isso?

MATHILDE

- Marie, é o nome que eu ouvi no amassado dos vestidos.

4
MATHIEU SE ALISTA.
(NO JARDIM)

ADRIEN (Aparecendo na frente de Mathieu**)**

- Onde você vai? É cedo, você não tomou café. Onde você vai com essa cara de quem está armando um complô?

MATHIEU

- Eu vou sair.

ADRIEN

- Você vai sair, Mathieu, meu filho? Você vai sair de onde? E pra onde você vai sair?

MATHIEU

- Eu vou sair de casa, vou sair do jardim, eu vou sair completamente.

ADRIEN

- E por que diabo você quer sair? Está te faltando alguma coisa? Aziz vai buscar para você.

MATHIEU

- Estou sentindo falta de sair, e isso, Aziz não pode fazer no meu lugar.

ADRIEN

- Aziz põe fazer tudo no seu lugar, exceto ser meu filho, e eu gostaria de saber por que o meu filho está com esse ar suspeito assim tão cedo.

MATHIEU

- Não é normal que na minha idade eu possa sair desta casa sem que se trate de um complô?

ADRIEN

- Não, isso não é normal. Você quer ir à usina? Eu te levarei lá daqui a pouco. Você quer ir à igreja? Se você agora é um beato, nós o conduziremos até a igreja depois do café da manha. Senão, onde você poderia ir? De onde vem essa idéia absurda?

MATHIEU

- Eu quero ir à cidade.

ADRIEN

- Mas você está na cidade, Mathieu, meu filho. Nossa casa fica em pleno centro da cidade, você não pode estar mais na cidade do que estando nesta casa.

MATHIEU

- Eu quero tomar um pouco de ar.

ADRIEN

- Então, tudo bem, deita aqui no jardim, debaixo das árvores, e eu mandarei trazer o seu café aqui. Não há mais ar em toda a cidade do que aqui nesse jardim.

MATHIEU

- Eu quero ir embora.

ADRIEN

- Tudo bem, então vai, vai, dentro dos limites desse jardim. E depois, tira dessa cara esse ar suspeito, ou então me diz o que você tem na cabeça.

MATHIEU

- Eu tenho na cabeça que eu quero deixar esta casa, ir embora desta cidade, ir embora deste país e me alistar no exército.

ADRIEN

- Repte uma segunda vez, Mathieu, meu filho, porque esta amanhã eu estou com a cabeça confusa por causa dos gritos da sua tia.

MATHIEU

- Eu quero fazer o meu serviço militar, partir para a Argélia e lutar na guerra.

ADRIEN

- Quem te disse que havia uma guerra na Argélia?

MATHIEU

- Eu não quero mais dormir no mesmo quarto que Edouard., eu não quero mais brigar com Edouard o dia inteiro e a noite inteira, eu quero ir pra Argélia porque é o único lugar onde eu não corro o risco de encontrá-lo, já que ele acabou de vir de lá.

ADRIEN

- Quem te disse que a Argélia existia? Você nunca saiu daqui.

MATHIEU

- Eu nunca saí daqui, não; e Edouard fica me gozando porque eu não conheço o mundo.

ADRIEN

- O mundo é aqui, meu filho, você o conhece perfeitamente bem, você passeia por ele todos os dias e não há mais nada pra conhecer. Olha os meus pés, Mathieu: aqui está o centro do mundo; pra lá, é a beirada do mundo; se você chega muito na beirada, você cai.

MATHIEU

- Eu quero viajar.

ADRIEN

- Viaje do seu quarto até a sala, da sala até o sótão, do sótão até o jardim. Mathieu, meu filho, você está com a cabeça atrapalhada esta manha.

MATHIEU

- Eu quero fazer o meu serviço militar.

ADRIEN

- Você não vai ser aceito: você tem pé chato.

MATHIEU

- Eu não tenho pé chato.

ADRIEN

- Quem disse que você não tem? Eu tenho pé chato, então você também tem. São coisas que um pai sabe melhor que seu filho.

MATHIEU

- mesmo com pé chato, eu quero ser militar, descer de pára-quedas sobre a Argélia e fazer a guerra contra o inimigo. Eu quero ser pára-quedista, papai, eu quero ter o cabelo bem curto, uniforme camuflado, a faca presa na perna, arma na cintura; eu quero me jogar pela porta grande aberta do avião, eu quero flutuar no ar, planar em cima da terra, cantar entre o céu e a terra.

ADRIEN

- Eu vou mandar o Aziz dar uma surra no Edouard.

MATHIEU

- Eu quero ser admirado pelas crianças, eu quero que os meninos olhem pra mim com inveja, eu quero que as mulheres me paquerem, eu quero que o inimigo tenha medo de mim. Eu quero ser um herói, arriscar minha vida, escapar de atentados, ser ferido, sofrer sem reclamar, sangrar.

ADRIEN

- Seja um herói aqui, sob meus olhos. Eu mesmo não sou um herói, desde que sua tia chegou? Eu não fui sempre um herói, te educando e preparando a sua herança como eu fiz?

MATHIEU

- Eu não quero herdar nada. Eu quero morrer dizendo rases bonitas.

ADRIEN

- Quais, por exemplo?

MATHIEU

- Eu não sei ainda.

ADRIEN

- Você não sabe nada. Pra lá desse muro, fica a selva, e você não deve atravessá-la sem a proteção do seu pai.

MATHIEU

- Eu não quero mais a proteção do meu pai. Eu não quero mais apanhar, eu quero ser o homem que bate nos outros; eu quero ter companheiros com quem eu possa beber e brigar; eu quero inimigos para matar e vencer; eu quero ir para a Argélia.

ADRIEN

- Seus inimigos estão na sua própria casa. Seus companheiros, é o seu pai; se você quer beber, beba; e eu não vou mais bater em você. De qualquer forma, a Argélia não existe e você vai ficar com cara de bobo.

MATHIEU

- Edouard me falhou da Argélia

ADRIEN

- Edouard inventa histórias, ele está virando a sua cabeça.

MATHIEU

- Até você, eu ouvi você falando da guerra.

ADRIEN

- Ela acabou, nós ganhamos, tudo está calmo naquele fim de mundo, cada um volta pro seu trabalho.

MATHIEU

- Eu quero ir a Paris,; eu não quero mais viver na província: a gente vê sempre as mesmas caras e nunca acontece nada.

ADRIEN

- Nada? Você chama isso de nada? Sua tia e seus primos desembarcam aqui e você acha que não é nada? Mathieu, meu filho, a província francesa é o único lugar do mundo onde estamos bem. O mundo inteiro inveja a nossa província, sua calma e suas torres, sua doçura, seu vinho, sua prosperidade. Não se pode desejar nada, na província, pois aqui temos tudo que um homem deseja. Ou então é preciso ter a cabeça virada, preferir a miséria à opulência, a fome e a sede em vez da fartura, o perigo e o medo à segurança. Você está com a cabeça virada, Mathieu, meu filho, e eu devo colocá-la novamente no lugar? De toda maneira, que história é essa de viajar? Você não fala nenhuma outra língua e você nem mesmo chegou a aprender o latim.

MATHIEU

- Eu vou aprender a falar línguas estrangeiras.

ADRIEN

- Um bom francês não aprende a falar línguas estrangeiras. Ele se contenta com a sua, que é bastante suficiente, completa, equilibrada, bonita a escutar; o mundo inteiro inveja nossa língua.

MATHIEU

- E eu invejo o mundo inteiro.

ADRIEN

- Tire esse ar suspeito do seu rosto, Mathieu. Ainda tem um pouco. **(**Dá-lhe uma segunda bofetada**)** Eu reencontro enfim o meu filho.

MATHIEU

- Isso não impede; eu serei militar.

ADRIEN

- O que você disse?

MATHIEU

- É verdade que eu tenho pé chato?

ADRIEN

- Mas é claro, pois eu te disse. Olhe os meus. Então é isso que te incomoda? Mas a gente pode viver com isso, Mathieu, meu filho. Não se pode andar constantemente de sapatos para não sofrer muito. Mas, fora isso, você é um homem comum, Mathieu, completamente comum.

MATHIEU

- Eu queria ser fora do comum.

ADRIEN

- É idiota. Tem cada vez mais gente fora do comum. Ao ponto em que vai passar a ser fora do comum ser uma pessoa comum. Então, tenha um pouco de paciência; você não tem nada a fazer a esse respeito, nada.

(ELES SAEM)

II
5

(CORREDOR; PORTA ENTREABERTA PELA QUAL SAEM ADRIEN E DEPOIS ALGUNS HOMENS SEPARADAMENTE. O ÚLTIMO A SAIR É PLANTIÈRES, QUE FICA SOZINHO NO CORREDOR. EDOUARD ENTRA E IMOBILIZA PLANTIÈRES. MATHILDE ENTRA COM UMA TESOURA NA MÃO.)

PLANTIÈRES

- Quem é a senhora? O que a senhora quer?

MATHILDE

- Eu sou Mathilde e eu vou cortar os seus cabelos. Eu vou raspar até o último pêlo do seu crânio, e o senhor sairá daqui com o crânio liso como o das mulheres que dormiram com o inimigo, e o senhor vai conhecer o prazer que existe em sair na rua com a cabeça escultural e branca, com a nudez da cabeça, que é a pior nudez; o senhor vai conhecer o ritmo lento, interminável, a insuportável lentidão do ritmo do crescimento dos cabelos; e o senhor se olhará no espelho de manha e verá um velho horrível, um estranho repugnante, um macaco que imita as suas caretas; aí então, o senhor descobrirá como é duro vestir um crânio; o senhor procurará chapéus e todos parecerão horrorosos; o senhor sonhará com perucas, capuzes. O senhor vai odiar quem estiver passando na rua, achará todos bonitos, com seus cachos, a bela desordem de seus cabelos; e, durante longos meses, sua vida inteira, seus pensamentos, seus sonhos, sua energia, seus desejos, seus ódios estarão todos fixos nessa coisa idiota que é a ausência de cabelos sobre um crânio; o senhor vai se concentrar para fazê-los crescer mais depressa; o senhor vai puxar os primeiros fios que nasceram para fazer andar mais rápido; e o senhor verá que eles não crescem mais depressa, que o crescimento dos cabelos tem um ritmo insuportavelmente lento, que os dias são longos para se ter um crânio obsceno, e o senhor preferirá que tivessem cortado seus colhões.

PLANTIÈRES

- Quem é esse moleque que está me segurando e me machucando? Eu sou um homem honrado. Eu sou um homem respeitado porque eu mereço respeito. Minha carreira não tem manchas, minha vida de família perfeita, e minha notoriedade é considerável nesta cidade. Eu não sou desses que ficam vagando sozinhos pelas ruas à noite, e que são agredidos por arruaceiros. Eu só saio da minha casa para ira à casa de amigos, e à prefeitura, e à igreja. Será que nem a casa de um amigo é mais um lugar seguro? Eu devo agora relutar em sair de casa? Eu deverei ter medo, agora, de violências na minha própria casa/ o que a senhora tem contra os meus cabelos? O que eles te fizeram? Eu serei velho em breve e eles cairão sozinhos, eu não quero que toquem neles.

MATHILDE

- nos meus também não, eu não queria que tocassem neles. Mas o senhor me escolheu na multidão, me apontou com o dedo, o senhor fez com que me insultassem com suas mentiras, o senhor me acusou de traição. O senhor. E mesmo se o senhor esqueceu, mesmo se o tempo passou, eu não esqueci.

PLANTIÈRES

- Mas do que a senhora está falando, e quem a senhora está pensando que eu sou? Aconteceu alguma coisa com a senhora, no passado, há muito tempo atrás, e a senhora está me confundindo com alguém? Eu não conheço a senhora, eu nunca te vi; e a senhora também não me conhece. A senhora entrou pela janela, com esse moleque que agora está me machucando os ombros e os braços? Vocês são assaltantes? Nesse caso, saibam que eu não sou o proprietário desta casa, eu não posso fazer nada por vocês, e eu prometo até que não vou impedi-los de agir, eu não vou gritar por socorro. A senhora é uma empregada? Nesse caso, saiba que a senhora já perdeu o seu emprego. Mas eu estou achando que a senhora é a inevitável velha louca da família, que a gente esconde no sótão. Como a senhora saiu do seu quarto? Socorro! Socorro! Que essa louca me solte!

MATHILDE

- Eu não sou mais velha e nunca fui empregada. Eu sou Mathilde, e esta casa é minha. Ela é minha, e não tem motivo nenhum para que o senhor se sinta seguro nela. Eu te conheço. Eu te reconheço. Esses quinze anos te engordaram? Eles enriqueceram suas roupas, eles puseram óculos nos seus olhos, puseram anéis nos seus dedos. Mas poderiam passar cem anos entre o dia em que o senhor me condenou ao exílio me apontando com o dedo, e hoje, quando o senhor será punido, poderiam se passar três séculos, que eu o teria reconhecido.

PLANTIÈRES

- A senhora não sabem nem o meu nome.

MATHILDE

- O que eu vou fazer com o seu nome? É com os seus cabelos que eu tenho o que fazer.

PLANTIÈRES

- E eu vou te dizer, e a senhora deve acreditar: eu sei que a senhora está enganada. Eu tenho uma família grande; eu tenho pelo menos sete irmãos que se parecem comigo; eu tenho centenas de primos que qualquer um confundiria comigo, porque na minha família nós nos casamos entre nós mesmos, então cada um que nasce parece com todos os outros, ao ponto de as mães nem saberem mais quem é filho de quem. É um outro, é um outro que a senhora está procurando. Olhe bem pra mim, porque está com pouca luz aqui. Esta bochecha aqui, a senhora está reconhecendo? E esta pequena cicatriz embaixo da orelha, a senhora já tinha visto? A senhora tem certeza de que está reconhecendo a forma deste nariz? Olhe bem pra mim. A senhora está enganada, a senhora está enganada. Não sou eu, esse que a senhora detesta.

(MATHILDE RASPA OS CABELOS DELE.)

MATHILDE

- É o senhor; o senhor foi reconhecido.

(MATHILDE E EDOUARD SAEM)

PLANTIÈRES

- Adrien, socorro! **(**Adrien entra**)** Senhor Serpenoise, o senhor chegou tarde demais. Senhor Serpenoise, eu não o chamarei nunca mais pelo seu primeiro nome, o senhor não é mais meu amigo, o senhor não é mais uma relação, não será mais recebido na prefeitura, o senhor não terá mais direito a favores. O quê, o senhor ousa sorrir? Sim, eu vi um sorriso, um odioso risinho no meu rosto. Não olhe para mim. Por educação, desvie o seu olhar, olhe para os seus pés. Senhor Serpenoise, o senhor crê que esses pés que andam nus, na nossa boa sociedade, são menos ridículos do que a minha cabeça? Que significam essas maneiras? Calce ao menos umas meias; enfie ao menos umas pantufas. E então o senhor pode se permitir rir! Eu acreditava estar na casa de um

amigo; eu acreditava estar na casa de um homem do mesmo mundo que eu; eu acreditava que estávamos entre nós. O senhor nos enganou direitinho. O senhor esperou bastante tempo antes de se revelar. O senhor pertence a uma família de loucos. Uma irmã histérica, um menino bobo e quase retardado, um sobrinho e uma sobrinha doentes, depressivos, epilépticos; como eu pude acreditar, como é que nós, a digna sociedade desta cidade, pudemos pensar que o senhor poderia ter escapado das taras da sua família? E agora o senhor ri, o senhor se mostra à luz do dia; o senhor me traiu, senhor Serpenoise. E é na sua casa que nós organizamos essas reuniões perigosas, na casa de um louco e traidor. Eu vou prevenir todo mundo, o senhor não será mais recebido em lugar nenhum e ninguém mais virá à sua casa. O senhor será excluído do Escritório de ação social que confiou plenamente na sua pessoa e talvez até o senhor receba uma punição. O senhor pagará por isso, Serpenoise; o senhor é um traidor.

ADRIEN

- Acalme-se, Plantières. Eu não sorri. Era uma careta de vergonha, porque a minha família me pesa. Mas o que eu posso fazer? Eu não sou responsável pela minha irmã; eu não posso matá-la. Eu fiz Plantières, com a sua ajuda, tudo o que eu pude para afastá-la daqui. Mas também eu não posso matá-la. Eu irei recompensá-lo por esse terrível acidente.

PLANTIÈRES

- E minha mulher? E meus filhos? E os meus colegas da delegacia?

ADRIEN

- Vá para o campo durante algumas semanas, fique na minha casa. Mathilde, Mathilde, eu poderia matá-la, e os filhos dela junto. Eu poderia ser um assassino, sim, mas eu te juro, Archibald, que eu não sou um traidor.

PLANTIÈRES

- Sim, você me traiu, Adrien.

ADRIEN

- Eu te juro que não, eu nunca disse nada.

PLANTIÈRES

- Então como ela ficou sabendo? Foi você que me pediu para acusá-la de colaborar com o inimigo, e eu aceitei, pela farra, e isso deveria ser um segredo entre nós. O senhor falou, Serpenoise, não seria possível de outra forma.

ADRIEN

- Eu não falei, eu juro sobre a cabeça do meu filho, que eu amo. Só o senhor e eu sabíamos. E Marie.

PLANTIÈRES

- Marie está morta.

ADRIEN

- Sim, Marie está morta. Plantières, vingue-se, e eu conheço um meio. O senhor é chefe de polícia; reúna o advogado Borny e Sablon, o prefeito. A filha de Mathilde é uma louca; ela acredita que vê aparições à noite no jardim. Não é um motivo interessante para interná-la? Uma noite nós vamos nesse jardim; nos escondemos. Sejamos testemunhas de sua loucura. E você será vingado, meu pobre Archibald, e eu também.

(ELES SAEM.)

5
ZOHR

(NO SALÃO. MAAME QUEULEU E MATHILDE ENTRAM.)

MAAME QUEULEU

- Vamos, Mathilde, anda. Reconcilie-se com o seu irmão, porque esta casa vira um inferno por causa das brigas de você. E por que, meu Deus, por quê? Porque tal objeto estava em tal lugar e

você não queria mais que ele estivesse lá; porque seu Adrien não gosta da maneira como a senhora se veste e essa mania que ele tem de andar descalço te desagrada. Por acaso vocês ainda são crianças? Vocês não poderiam encontrar um meio-termo pras coisas? Então você não sabem que crescer é encontrar um meio-termo pra todas as coisas, abandonar suas teimosias e ficar feliz com o que se pode conseguir? Cresça, Mathilde, cresça, já está na hora. As discussões dão rugas, rugas horríveis; a senhora quer ficar coberta de rugas horríveis por causa de histórias que depois de alguns minutos vocês nem se lembram mais? Eu vou ajudá-la a encontrar um meio-termo, Mathilde, eu conheço bem isso aqui: seu Adrien levanta às seis da manha e a senhora às dez, levantem os dois às oito horas; a senhora detesta carne de porco e seu Adrien só gosta de carne assada, eu farei pra você carne de boi assada; a vida seria simples, se a gente quisesse. Reconcilie-se com ele. Mathilde, ou esta casa vai ficar inabitável.

MATHILDE

- Eu não quero me reconciliar, uma vez que eu não estou irritada.

MAAME QUEULEU

- Silêncio; eu ouço daqui os estouros da voz do seu irmão. O que a senhora fez a ele? Por que a manha já começa com estouros de voz, e as noites acabam em mágoa? É esse o ritmo do sangue de vocês? Não é o meu, não é o meu, e eu não vou me acostumar nunca. Um só momento de raiva como o de vocês me deixaria doente e exausta; mas essa raiva parece que anima e dá força a vocês. Essa energia me cansa mais do que arrumar a casa. Gaste essa energia em outra coisa, minha filha; borde um pouco, costure ou faça algum trabalho manual; e que seu Adrien cuide da usina dele, pois comenta-se na cidade que ela não anda muito bem desde a chegada da senhora. A senhora quer ficar arruinada? Me responde, Mathilde, porque o seu silêncio me dá medo.

MATHILDE

- Bordar, Maame Queuleu? Eu lá tenho cara de bordar? Silêncio, estou ouvindo quem chega.

MAAME QUEULEU

- Tenha pena de nós, Mathilde, tenha pena de nós.

(MARTHE ENTRA.**)**

MARTHE

- Eu o acalmei, Deus do céu. Eu conheço uma reza especial da qual o demônio tem um santo horror; eu joguei a reza na cara dele, e ele não contou nem um nem dois, ele sumiu logo, e meu Adrien está agora doce e cansado; porque o demônio cansa.

MATHILDE

- Essa mulher já começou a enxugar cedo esta manha. Por que ela não toma chá como todo mundo? Seria necessário interná-la.

MARTHE

- Minha Mathildezinha, é preciso ser boazinha com meu Adrien; ele é uma criança, ele é um pouco perdido, mas ele te ama tanto, e você merece tanto esse amor.

MATHILDE

- Maame Queuleu, a senhora não poderia fazer essa mulher sumir daqui?

MARTHE (A Maame Queuleu**)**

- Traga-nos alguma coisa para , para beber, para comemorar a reconciliação destes dois anjos.

MAAME QUEULEU

- Não estou ouvindo mais seu irmão. Parece que ele se acalmou mesmo.

(ADRIEN ENTRA.)

MAAME QUEULEU

- Adrien, sua irmã está pronta para lhe dar um beijo.

ADRIEN

- Eu darei um beijo nela mais tarde.

MAAME QUEULEU

- Por que não agora?

ADRIEN

- Eu tenho duas palavrinhas a dizer, primeiro. Ela me indispõe com os meus amigos, ela os insulta, trata mal, e eles não querem mais vir aqui, e fazem uma cara de reprovação quando encontro com eles. Por que reprovar em mim as loucuras dessa mulher? Eu não quero mais pagar por ela.

MATHILDE

- Tudo neles me irrita, Maame Queuleu, eu não posso fazer nada. Aliás, tudo me irrita no Adrien. O barulho de seus passos no corredor, sua maneira de tossir, o tom de voz com que ele diz: meu filho; suas pequenas reuniões secretas onde as mulheres não pode entrar. Me fecham a porta de um cômodo durante horas dentro da minha própria casa? Fazem um complô do meu lado? Eu vou mandar tirar todas as portas desta casa, eu quero ver tudo, quando eu quiser; eu quero poder entrar em qualquer lugar na hora que eu quiser.

MAAME QUEULEU

- Mathilde, você prometeu.

MATHILDE

- Depois, Maame Queuleu.

ADRIEN

- Comenta-se na cidade que ela passeia nua pela varanda.

MAAME QUEULEU

- Ora, ora, Mathilde, nua pela varanda!

ADRIEN

- Comenta-se.

MAAME QUEULEU

- Comenta-se todo tipo de coisa.

ADRIEN

- Se comentam que ela passeia nua pela varanda, é como se eu a tivesse visto. Não se comenta isso a meu respeito, nem sobre você, Maame Queuleu. Desde pequena que essa menina comete erros, é o chamado da natureza; ela não vai, por milagre, se transformar numa dama.

MARTHE

- Um milagre é sempre possível, é preciso acreditar nele.

MATHILDE

- Erros, Maame Queuleu? E o filho dele? Não é um erro enorme, um gigantesco/ que necessidade ele tinha de fazer isso? Que direito ele pensa que tem de ocupar a minha casa com a sua prole inútil, preguiçosa, que fica cochilando o dia inteiro no jardim ou na sala? Ele já era bastante para nos atrapalhar, eu não precisava de um duplo pra ficar trombando em mim pelos corredores, um segundo Adrien, uma caricatura do primeiro. Por que, pergunta pra ele, por que ele tinha necessidade de se casar, Maame Queuleu, e por que ele fez um filho.

ADRIEN

- Pergunte a ela, Maame Queuleu, por que ela fez dois.

MATHILDE

- Diz pra ele que eu não os fiz, fizeram em mim.

ADRIEN

- Seu filho freqüenta os cafés árabes do pior lugar da cidade; todo mundo sabe. É o chamado do sangue. O sol da Argélia bateu na cabeça de minha irmã e eis que agora ela virou árabe, e o filho junto com ela. Eu não quero que o filho dela leve o meu nesses lugares, eu não quero que Mathieu freqüente os cafés árabes.

MARTHE

- As pessoas comentam na cidade que os árabes dão bombons envenenados aos jovens meninos e meninas, que depois aparecem em Marrakesh, em casas fechadas.

ADRIEN

- E além do mais, ela vai acabar denunciando meu filho às autoridades militares. Ela foi vista zanzando pela cidade. Ela é bem capaz, porque ela quer a usina, e ela vai mandar o meu filho para ser massacrado na Argélia. Mas a usina, nunca, nunca!

MAAME QUEULEU

- Vocês vão parar? Mathilde, você é a mais velha. Dê um beijo no seu irmão; faça isso por mim.

MATHILDE

Eu vou dar um beijo nele logo logo, Maame Queuleu. Mas a senhora sabe que ele me bateu? Nesta manha mesmo, enquanto eu tomava o meu chá, ele me bateu, e a chaleira voou longe. A gente deve tolerar uma coisa dessas?

MARTHE

- Foi quando ele estava possuído pelo diabo.

MAAME QUEULEU (A Adrien**)**

- É verdade que você bateu nela? Por que você fez isso?

ADRIEN

- Eu não sei mais, mas se eu bati, é porque eu tinha uma razão, e séria. Eu não fico batendo a torto e a direito.

MAAME QUEULEU

- Isso é tudo? Então, reconciliem-se. Adrien, você prometeu.

ADRIEN

- Já vou, já vou, agora mesmo. Mas ainda tem uma coisa: você sabia, Maame Queuleu, que ontem ela bateu na minha mulher? Minha pobre Marthe, Mathilde bateu nela.

MARTHE

- Não, não, ela não me bateu.

ADRIEN

- Eu vi, eu escutei o tapa, ela ficou com a marca durante várias horas.

MARTHE

- Ela não me bateu, ela me puniu porque eu sou má. Foi para o meu bem e eu estou feliz por isso.

MATHILDE

- A idiota.

ADRIEN (A Mathilde**)**

- O que você disse? **(**Ele se aproxima de Mathilde.**)**

MAAME QUEULEU

- Então pronto, batam um no outro, fiquem desfigurados, arranquem os olhos um do outro, mas vamos acabar com isso. Eu vou buscar uma faca pra vocês, pra andar mais rápido. Aziz, traz pra mim aquelas duas facas grandes da cozinha, traz as duas, que é pra ficar igual; eu as amolei esta manha, e assim vai mais rápido. Arranquem a pele, se arranhem, matem-se de uma vez, mas calem a boca, senão eu mesma vou cortar a língua de vocês, vou cortar desde a raiz no fundo da garganta pra não ter de ouvir mais as suas vozes. E você vão brigar em silêncio, pelo menos ninguém vai saber de nada, e nós poderemos continuar vivendo. Porque você brigam só com palavras, palavras, palavras inúteis que fazem mal a todo mundo, exceto a vocês mesmos. Ah, se eu pudesse ser surda, tudo isso não me incomodaria. Porque eu não me incomodo se vocês ficam brigando; mas briguem em silêncio, e que a gente não sinta as feridas, nós que estamos perto de vocês, nem no nosso corpo nem na nossa cabeça. Porque as suas vozes ficam a cada dia mais fortes e mais esganiçadas, elas atravessam as paredes, elas fazem o leite entornar na cozinha. Que venha logo a noite, quando vocês ficam apenas se remoendo; pelo menos a gente pode trabalhar. Que o sol se ponha cada vez mais cedo, e que eles se detestem em silêncio. Eu desisto.

MATHILDE (A Adrien**)**

- Eu disse; a idiota. Ela está bêbada. Ela vai vomitar no meu tapete.

(ADRIEN BATE EM MATHILDE.)

MAAME QUEULEU

- Aziz, Aziz! Edouard, Aziz, socorro! **(**Aziz entra**)** Aziz, separe-os. Anda, faça alguma cosia. O que é que você está esperando, Aziz? Tome alguma providência.

AZIZ

- Não, eu não quero tomar nenhuma providência, eu não sou pago para isso. Se eu tomasse alguma providencia, eu seria criticado; e se eu não tomar, eles vão me criticar do mesmo jeito, então eu prefiro não fazer nada, eu terei as críticas mas não o cansaço.

MAAME QUEULEU

- Aziz, olhe pra eles.

AZIZ

- Eu estou vendo, Maame Queuleu, eu estou vendo. Mas o que importa se os velhos estão brigando, e o que eu posso fazer? Eles nem sequer me vêem; eles estão tão tomados pela raiva um do outro que não há mais lugar para que eles me vejam. E quando a raiva deles estiver mais calma, eu serei o último que eles vão ver depois de todos os vasos que eles terão quebrado. Que eles continuem se batendo, e quando eles tiverem se acalmado, Aziz recolherá os pedaços.

(EDOUARD ENTRA.)

MAAME QUEULEU

- Edouard, eu te suplico, eu vou ficar louca.

(EDOUARD SEGURA SUA MÃE, AZIZ SEGURA ADRIEN.)

ADRIEN

- Você acha, sua pobre louca, que você pode desafiar o mundo? Quem é você pra ficar provocando todas as pessoas honradas? Quem você pensa que é para ridicularizar as boas maneiras, criticar os hábitos dos outros, acusar, caluniar, injuriar o mundo inteiro? Você não é nada mais do que uma mulher, uma mulher sem fortuna, uma mãe solteira, e, até há muito pouco tempo trás, você teria sido banida da sociedade, te cuspiriam na cara e te deixariam trancada numa sala secreta para fazer como se você não existisse. O que você está vindo reivindicar? Sim, o nosso pai te forçou a jantar de joelhos durante um ano por causa do seu pecado, mas o castigo não foi severo o suficiente, não. Ainda hoje, é de joelhos que você deveria comer à nossa mesa, de joelhos que você deveria falar comigo, de joelhos na frente da minha mulher, na frente da Maame Queuleu, na frente dos seus filhos. Quem você acha que é, e quem você acha que nós somos, para nos provocar e maldizer sem parar?

MATHILDE

- Está bem, eu te desafio, Adrien; e junto com você seu filho, e essa que te serve de mulher. Eu desafio o jardim que está em volta dela e a árvore sob a qual minha filha se perde, e o muro que rodeia o jardim. Eu desafio vocês, o ar que vocês respiram, a chuva que cai em cima das suas cabeças, a terra sobre a qual vocês andam; eu desafio esta cidade, cada uma de suas ruas e cada uma de suas casas; eu desafio o rio que a atravessa, o canal e os barcos sobre o canal, eu desafio o céu que está acima das suas cabeças, os pássaros no céu, os mortos na terra, os mortos misturados com a terra, as crianças na barriga das suas mães. E, se eu faço isso, é porque eu sou mais forte do que vocês todos, Adrien.

(AZIZ PUXA ADRIEN, EDOUARD PUXA MATHILDE, MAS ELES ESCAPAM E VOLTAM.)

MATHILDE

- Porque sem dúvida a usina não me pertence, mas é porque eu não quis, porque uma usina vai à falência mais depressa do que uma casa cai em ruínas, e esta casa ainda estará de pé depois da minha morte e depois da morte dos meus filhos, ao passo que seu filho caminhará na chuva por galpões abandonados dizendo: é meu, isso é meu. Não, a usina não me pertence, mas essa casa é minha e, como ela é minha, eu decido que você vai deixá-la amanhã. Você vai pegar suas malas, seu filho, e o resto, principalmente o resto, e você vai viver nos seus galpões, nos seus escritórios de paredes descascadas, no meio da confusão de estoques podres. Amanhã, eu estarei na minha casa.

ADRIEN

- Que estoque podre? Quais paredes descascadas? Quais ruínas? Meu gráfico dos negócios está no ponto mais alto. Você acha que eu preciso desta casa/ não. Eu só gostava de viver aqui por causa do nosso pai, em memória dele, por amor a ele.

MATHILDE

- Nosso pai? Amor pelo nosso pai? A memória do nosso pai eu já pus na lata de lixo há muito tempo.

ADRIEN

- Não toque nisso, Mathilde. Respeite ao menos isso. Isso, pelo menos, você na suje.

MATHILDE

- Não, eu não vou sujar, isso já está bem sujo sozinho.

ADRIEN

- EU vou matá-la.

EDOUARD (Segurando Mathilde**)**

- Pára, mamãe, vem comigo.

AZIZ (Segurando Adrien**)**

- Dona Mathilde, seu Adrien, está muito nervosa. Ela não sabe mais o que está dizendo. Ninguém falaria assim de um pai em plena consciência.

(ELES SAEM, E ENTÃO MATHILDE E ADRIEN ESCAPAM E VOLTAM.

ADRIEN (Seguro por Aziz**)**

- Você vai pagar por isso, minha velha, você vai pagar por isso.

MATHILDE

- Eu tenho o necessário para pagar, mas eu não vou pagar nada.

AZIZ

- Seu Adrien, meu braço está doendo de segurar o senhor. Será que eu devo bater no senhor? **(**Ele segura Adrien.**)**

ADRIEN

- Eu vou matá-la.

(ADRIEN E AZIZ SAEM.)

EDOUARD

- Mame, se precisar, eu forço a senhora a sair.

MATHILDE

- Amanhã, eu o ponho no olho da rua.

(EDOUARD E MATHILDE SAEM.)

MAAME QUEULEU

- Marthe, minha pobre criança, nós somos bem infelizes. Eles se amavam tanto quando eram pequenos.

MARTHE

- Traga-me alguma coisa para beber, eu estou tão cansada. Joséphine, por favor, vá buscar uma garrafa de vinho do porto.

MAAME QUEULEU

- É muito cedo ainda, minha menina.

MARTHE

- Ah, Joséphine, minha boa amiga. Se você não estivesse aqui, o mundo desabaria. Me tire desse inferno, eu te suplico. Você é uma santa. Quando nós duas estivermos mortas, e que você estará no céu e eu no inferno por causa de todo o mal que eu fiz, jogue uma corda pra mim, me puxe até você, porque se você não fizer isso, quem vai fazer? Minha irmã Marie nem vai olha pra mim, todos os outros já têm tristezas demais pra se lembrarem de mim, e Aziz, o generoso Aziz, vai estar no limbo porque ele não é batizados, e não há comunicação entre o inferno e o limbo. Eu não quero ficar esquecida no inferno por toda a eternidade como eu fico esquecida agora durante a minha curta vida. Prometa que você vai me puxar pra perto de você, Joséphine.

MAAME QUEULEU

- Eu não sei, minha pobre Marthe, eu não sei se o céu existe.

MARTHE

- o que você está dizendo?

MAAME QUEULEU

- Se ele existisse, nós teríamos talvez um sinal, aqui, uma pequena impressão, a sombra do céu sobre a terra, pedaços dele, um pequeno reflexo. Mas não há nada, só pedaços de inferno.

MARTHE

- Vamos buscar alguma coisa pra beber.

(ELAS SAEM.)

7

(MUITO LONGE, MÚSICA SENSUAL CANTADA PELOS PÁRA-QUEDISTAS DURANTE A MARCHA.)

ADRIEN (Ao público**)**

- Mathilde me disse que eu não sou completamente um homem, que eu sou um macaco. Talvez eu esteja, como todo mundo, à meia distância entre o macaco e o homem. Talvez eu seja um pouco mais macaco do que ela, e talvez Mathilde seja um pouco mais humana do que eu; ela é com certeza mais esperta; mas eu bato mais forte. Como um macaco velho agachado aos pés de um humano que ele contempla, eu me sinto bem na minha pele de macaco. Eu não tenho vontade de brincar de humano, eu não vou começar agora. Além do mais, eu não sei como se faz, e eu encontrei muito poucos até hoje. Quando meu filho nasceu, eu construí grandes muros em volta da casa. Eu não queria que esse filho de macaco visse a floresta e os insetos e os animais selvagens e as armadilhas e os caçadores. Eu só calço os meus sapatos para acompanhá-lo nas suas saídas e protegê-lo na selva. Os macacos mais felizes são aqueles que são criados em jaulas, com um bom vigia, e que morrem acreditando que o mundo inteiro parece com a sua jaula. Tanto melhor pra eles. Aqui temos um macaco salvo. Meu próprio babuíno, pelo menos, eu terei protegido. Escondidos, os macacos gostam de contemplar os homens, e, discretamente, os homens não param de dar uma olhadas nos macacos. Porque ele são da mesma família, em etapas diferentes; e nem um nem outro sabe quem está na frente de quem; ninguém sabe quem avança em direção a quem; sem dúvida é porque o macaco avança indefinidamente em direção ao homem, e o homem indefinidamente em direção ao macaco. Qualquer que seja, o homem tem mais necessidade de olhar o macaco do que de olhar outros homens, e o macaco mais necessidade de olhar os homens do que outros macacos. Então, eles se contemplam, sentem ciúmes uns dos outros, brigam, se machucam com as garras e dão mordidas uns nos outros; mas eles não se separam nunca, nem em espírito, e eles não param de se olhar. Quando Buda visitava os macacos, ele se sentava no meio deles à noite, e lhes dizia: macacos , comportem-se da maneira certa, comportem-se como humanos e não como macacos, e então, numa bela manha, vocês acordarão humanos. Então os macacos, ingênuos, comportavam-se como humanos; eles tentavam se comportar como eles acreditavam que seria a maneira certa de um humano se comportar. Mas os macacos são bons demais e bobos demais. Então, todas as noites eles desejam, eles se deitam com o sorriso doce e tranqüilo da esperança. E todas as manhas eles

choram. Eu sou um macaco agressivo e brutal, e eu não acredito nos contos de Buda. Eu não quero desejar à noite, porque eu não quero chorar de manhã.

III
ICHÂ
8

(O JARDIM, À NOITE. FÁTIMA E MATHIEU ENTRAM.)

FÁTIMA

- Sai, Mathieu. Pára de se encostar em mim. Desde que eu estou aqui, tudo é motivo para que você se encoste e fique pegando em mim. Não se esqueça de que nós somos primos, e não se pode ficar pegando em alguém como você pega em mim, quando se é da mesma família.

MATHIEU

- Nós não somos da mesma família. A família só existe para que haja a herança, de pai pra filho. Você não vai herdar nada do meu pai, e eu não herdarei nada de você; então, se me vem a vontade de pegar em você, eu não vejo onde está o obstáculo. Nós não viemos da mesma mulher, você não conhece o seu pai e eu conheço o meu; nada nos une. Até onde é preciso voltar nas origens para se sentir livre? A partir de quando um é estranho ao outro? É preciso passar quantas gerações para que os laços de família sejam cortados?

FÁTIMA

- O mundo está cheio de mulheres? Por que tem de ser em mim que você deve se encostar e ficar pegando o tempo todo? Eu não tenho vontade. Você é meu primo demais para que eu tenha vontade; e de qualquer forma, primo ou não, família ou não, eu não gosto que peguem em mim, ninguém.

MATHIEU

- Não tem tantas mulheres assim.

FÁTIMA

- Mais da metade do mundo, e sou eu que você vem encher.

MATHIEU

- Então, seria preciso que houvesse pelos menos duas palavras para dizer a palavra mulher. Maame Queuleu é uma mulher; ela passa e repassa na minha frente e eu nem a vejo; mesmo na imaginação eu não a vejo de outra forma senão como ela é, mal vestida e com paninhos na mão. Por que chamam Maame Queuleu e você pelo mesmo nome de mulher, se não há nenhuma espécie de semelhança entre vocês? Você, mesmo que você esteja assim coberta como em pleno inverno apesar do tempo ameno e doce, você, eu te vejo de outro jeito, na imaginação e na vida real, e eu tenho vontade, além disso, de olhar pra você como eu nunca olhei pra mulher nenhuma.

FÁTIMA

- Você tem trinta anos e nunca olhou pra uma mulher?

MATHIEU

- Eu não tenho trinta anos ainda, e eu já vi muitas mulheres na minha vida, começando por Maame Queuleu que eu vejo o tempo todo desde que eu nasci. Mas já faz um certo tempo que eu estou sem mulheres pra olhar, já que elas não vêm em casa.

FÁTIMA

- Então sai, vai aos lugares certos. Estão cheiros de mulheres que são pagas para ser olhadas, e se você põe um pouco mais de dinheiro, elas deixam até você pegar nelas; elas o farão de bom grado pois você não é tão feio assim e tem dinheiro.

MATHIEU

- Mas eu saio, Fátima, eu saio, eu não paro de sair. Eu saí muito na minha vida, começando pela igreja, e mesmo a usina, que fica muito longe e que eu visitei, pois eu vou herdá-la. Mas já faz um certo tempo que eu não tenho saído, porque eu não tenho tempo, e eu não tenho tanto dinheiro assim, pelo menos agora não.

FÁTIMA

- E eu, eu não tenho vontade de fazer você ganhar tempo nem economizar dinheiro. Vai, Mathieu. Minha mãe vem vindo, e se ela te vê comigo, você pode ter certeza que ela vai te passar um sabão.

MATHIEU

- Que ela venha então, essa aí! Um bom tapa na boca vai fazê-la fechar o bico. Esse ar que ela tem de examinar tudo me irrita há muito tempo, e eu vou mostrar pra ela quem eu sou.

(MATHILDE ENTRA.)

MATHILDE

- Fátima, eu estava te procurando. Mas agora que eu te vejo com o seu primo, eu fico tranqüila. Eu gosto que vocês dois sejam amigos, pois Mathieu é um menino sensato, ponderado, reflexivo, e esta pequena selvagem bem que precisa de sensatez. Mathieu, meu pequeno Mathieu, a noite está calma, vamos ao jardim caminhar um pouco e conversar calmamente.

MATHIEU

- Eu gostaria muito, minha tia, pois eu acho a sua companhia muito agradável também. Mas é preciso que eu trabalhe, e eu estava dizendo a Fátima que, mesmo se esse tempo ameno nos dá vontade de não fazer nada, é preciso se forçar a privar-se de certos prazeres, às vezes, em benefício do estudo.

MATHILDE

- Mathieu, Mathieu, coloque um pouco desse prumo na cabeça dos meus dois filhos. Vai, eu não vou te impedir de estudar. **(**Mathieu sai**)** Fátima, eu não quero que você fique andando à noite nesse jardim. Fátima, eu mesma, no passado, andava por ele, e uma noite eu fiquei andando demais, e isso deu no seu irmão, e eu nem cheguei a ver a cara daquele que me fez esse presente. Fátima, tem pessoas que pulam o muro e ficam espreitando uma mulher distraída, e depois, você se vê com um presente que você não quis. Os jardins desta cidade são perigosos, porque tem as tropas, e os soldados pulam os muros dos jardins para dar presentes. Fátima, você está sozinha?

FÁTIMA

- Eu estou sozinha, mas estou esperando alguém, e não é um soldado da tropa. Não é pra você ficar aqui.

MATHILDE

- Fátima, deixe-me vê-la. Eu me esconderei ali atrás, eu não vou fazer barulho, mas deixe-me vê-la, porque nestes quinze anos desde que ela morreu, eu não me canso de lamentar a falta dela.

FÁTIMA

- Olha, mamãe, atrás da nogueira. Você não está vendo essa luz?

MATHILDE

- Eu não estou vendo nada.

FÁTIMA

- Olhe bem. Você não vê um pedaço de vestido branco? Ela hesita em se mostrar.

MATHILDE

- Fátima, eu não estou vendo nada.

FÁTIMA

- Você não está sentindo um frio forte? Um frio terrível?

MATHILDE

- O frio sim, eu estou sentindo; um frio terrível.

FÁTIMA

- É ela, é Marie. Esconda-se melhor, ela está com medo.

MATHILDE

- por que ela teria medo? Eu sou Mathilde e sou a melhor amiga dela.

FÁTIMA

- Ela vai pensar que eu a traí. Vá embora.

MATHILDE

- Marie, sou eu, Mathilde. Será que é a velha Mathilde que está te dando medo? Mas, mesmo velha, sou eu, Marie. Perdoe a minha velhice. Você já morreu há muito tempo, mas você sempre foi mais fina do que eu. **(**Para Fátima**)** Ela ainda está aqui?

FÁTIMA

- Ela está aqui.

MATHILDE

- Inteira? Você está vendo-a inteira?

FÁTIMA

- Sim, inteira agora, ela está bem aqui e ela está olhando pra você.

MATHILDE

- Você tem certeza?

FÁTIMA

Ela está te olhando, sim.

MATHILDE

- Me deixe em paz, Marie. Eu não quero que você olhe para mim; eu não quero que você se lembre de mim e eu não quero me lembrar de você. Por que as coisas não saem da nossa cabeça quando a gente reza pra elas saírem? Por que a gente não tem escolha? É como se eu estivesse te vendo, com sua cara de santinha, seu ar de pequena inocente que me seguiu o tempo todo, quando eu estava na merda, principalmente quando eu estava na merda. O que é que você estava fazendo lá? O que você estava fazendo, sempre perto de mim, sempre entre Adrien e eu, sempre perto de Adrien? Você o teve; você se colou nele, você se colou em mim; o que você quer, colada em nós dois o tempo todo? O que você estava fazendo, não minha cabeça, na Argélia, sendo que você nunca saiu da sua casa, exceto para atravessar a rua e se casar com esse gorila que você desejava ardentemente desde sempre? E depois você não saiu da casa dele, até que você tirou o corpo fora, até que você deu um jeito de enganar a vida, até escapar dela para não sujar, como todo mundo, suas mãos e sua carinha inocente na merda da vida. **(**Para Fátima**)** Ela está aqui ainda?

FÁTIMA

- Ela está aqui, e está chorando.

MATHILDE

- Está bem, que ela chore, que ela chore então muitos litros! Que os mortos sirvam ao menos pra isso, pra chorar e ter vergonha na nossa frente. Do que ela está reclamando então? Ela está bem guardada. Ela sabe onde ela mora, na pátria das virgens e das santinhas. Ela está tranqüila, ninguém vem incomodá-la, então ela mata o tempo incomodando os outros. Por que os mortos passar a ser de repente, só porque morreram, tão virtuosos, tão bonitos, tão respeitáveis? Eu tenho certeza de que ela só era tão bonita e tão boazinha assim nas minhas lembranças. Em todo caso, ela não teria permanecido assim por muito tempo.

FÁTIMA

- Ela está indo embora, mamãe, ela está se virando, e desaparecendo de novo, atrás da árvore.

MATHILDE

- Que ela desapareça então, que ela vá se deitar na sua cama de algodão, que ela vá cantar cânticos com os anjos e que ela nos deixe na merda, sozinhas, sem casa, sem teto, sem pátria!

FÁTIMA

- Ela fugiu, mame, você a amedrontou.

(FÁTIMA SAI.)

MATHILDE

- Que pátria eu tenho? Minha terra, que é minha, onde ela está? Onde está a terra sobre a qual eu poderia me deitar? Na Argélia eu sou uma estrangeira e sonho com a França; na França, eu sou ainda mais estrangeira e sonho com a Argélia. Será que a pátria é o lugar onde nós não estamos? Eu estou cheia de não estar no meu lugar e de não saber onde é o meu lugar. Mas as pátrias não existem, em nenhum lugar. Marie, se você pudesse morrer uma segunda vez, eu desejaria a sua morte. Cante os seus cânticos, se atole no céu ou no inferno, mas fique lá atolada, me deixe livre de você. ***(ELA SAI.)***

9

(CORREDOR. BORNY SAI DE UMA PORTA ENTREABERTA. EM SEGUIDA, PLANTIÈRES.)

PLANTIÈRES

- O senhor está indo embora, está fugindo, Borny.

BORNY

- Eu não estou indo embora. Plantières, não estou indo embora. Eu esqueci alguma coisa no meu carro.

PLANTIÈRES

- O quê? Que coisa? Que necessidade o senhor tem de alguma coisa que esteja no seu carro?

BORNY

- Minha bolsa; minha pasta. Eu esqueci a minha pasta dentro do carro.

PLANTIÈRES

- E foi para buscar sua pasta no seu carro que o senhor se aproveitou de um momento de desatenção de nós todos para sair à inglesa?

BORNY

- À inglesa? Como assim, à inglesa? Não é bem assim. Normalmente, eu amarro os meus óculos a um cordão em volta do pescoço e, desta vez, eu perdi o cordão. Eu não ouço nada quando eu não estou com os meus óculos, e essa conversa é importante demais. Permita, Plantières, que eu vá buscar os meus óculos.

PLANTIÈRES

- Por que são os seus óculos, agora, que o senhor vai buscar? O senhor sabe exatamente o que vai buscar?

BORNY

- Os meus óculos que estão na minha pasta que está no meu carro, sim. Plantières, o senhor está me insultando.

PLANTIÈRES

- De jeito nenhum, Borny. Mas eu vou acompanhá-lo até o seu carro.

BORNY

- E pra que o senhor me acompanharia?

PLANTIÈRES

- Para ter certeza de que o senhor não vai se perder pelo caminho.

BORNY

- O senhor está duvidando de mim, Plantières, eu estou ofendido, eu acabo de dizer e de repetir que a idéia dos senhores é excelente e que a aprovava.

PLANTIÈRES

- Idéia dos senhores, o senhor disse. O que significa esse “dos senhores”? Isso me cheira bem mal. O senhor está se excluindo desse “dos senhores”?

BORNY

- De jeito nenhum; e, na hora certa, eu aplaudirei com as duas mãos.

PLANTIÈRES

- O senhor vai aplaudir, então! Onde o senhor vai aplaudir? No escondido do seu quarto, o senhor vai aplaudir? A porta bem fechada para que ninguém ouça? Tendo, como única testemunha, o seu canário? E para que nos servem os seus aplausos?

BORNY

- Plantières, eu vou te bater.

PLANTIÈRES

- Bata.

BORNY

- Eu vou bater, eu te juro.

PLANTIÈRES

- Bata, bata, e não jure mais.

(DA PORTA SAEM ADRIEN, SABLON E, EM SEGUIDA, ALGUNS HOMENS.)

ADRIEN

- Que barulho, que gritaria, que bagunça!

BORNY

- Plantières está me insultando.

PLANTIÈRES

- Borny está fugindo.

BORNY

- Ele está mentindo.

PLANTIÈRES

- Ele está afinando.

SABLON

- Vamos, senhor, vamos. Eu não quero ouvir falar de discórdia dentro da nossa organização.

PLANTIÈRES

- Na hora da decisão, senhor prefeito, Brony esqueceu de repente os óculos no carro.

ADRIEN

- Óculos? O senhor usa óculos, Borny?

BORNY (A Sablon**)**

- Senhor prefeito, compreenda. O senhor bem sabe que eu nunca recuou no momento da ação. Mas, desta vez, na minha posição, e no seu próprio interesse, eu não quero me misturar nisso, diretamente, eu quero dizer. Em espírito, pela idéia, os senhores sabem muito bem que eu estou com os senhores.

PLANTIÈRES

- O que o espírito vem fazer aqui dentro? Pra que nós precisamos do senhor em espírito? A questão é explodir o café Saïfi.

ADRIEN

- Parem com essa gritaria, ou eu ponho todos dessa porta pra fora.

BORNY

- Sim, sim, está bem, justamente. As intenções são justas, sem dúvida. Mas os senhores verificaram bem esse mau elemento que vocês encarregaram dessa missão? Ele vai explodir o café mesmo se ele estiver cheio. Eu não quero ficar com a consciência encharcada de sangue. Ah, meu caro Adrien, onde vai o tempo em que os anarquistas preferiam explodir junto com suas bombas a correr o risco de ferir uma criança?

SABLON

- Cale a boca, então. Onde o senhor pensa que está? Entremos na sala.

PLANTIÈRES

- O senhor também, Borny.

BORNY

- Plantières, eu te juro que eu vou te bater.

PLANTIÈRES

- Jure, jure, isso faz menos mal que um tapa.

SABLON

- Borny, cale a boca.

BORNY

- Por que eu? Por que sempre eu?

ADRIEN

- Silêncio!

(ELES ENTRAM NA SALA. ADRIEN FECHA A PORTA.)

10

(O MURO DA CASA, À NOITE. MATHIEU E EDOUARD.)

MATHIEU

- Que mundo maravilhoso, e como ele é bem feito! Mesmo esse muro tem o ar de que foi construído especialmente para que eu tivesse o prazer de saltar sobre ele. Olha, Edouard: a noite cai, esta boa e gorda cidade dorme como uma vovó cansada, e esse lugar é nosso. E agora você me diz que tem até lugares onde a gente vê mulheres, onde elas deixam que a gente pegue nelas? Aqui, nesta cidade? Eu que vivo aqui há mias de vinte e cinco anos, eu não sabia, e você já descobriu tudo isso. Meu bom Edouard, você não é forte em músculos, mas você é musculoso de cabeça. Entretanto, não me diga mais que o mundo é malfeito. Sinta essa doce temperatura que excita os sentidos. Se ele fosse malfeito, seria o frio e o inverno que te excitariam, e nós seríamos forçados a satisfazer nossa excitação no meio de um amontoado de roupas, e tremendo de frio. Mas ao contrário, o mundo é bem feito a tal ponto que ao calor da besta corresponde o calor do ar, que o calor do ar faz com que se tire a roupa, e que então, Edouard, a besta toda nua está pronta a realizar sua tarefa. Vamos correr, Edouard.

EDOUARD

- Mesmo a menor cidade tem o seu bordel, buraco de eu, e os daqui não vão fugir se formos com calma. De qualquer forma, precisamos esperar Aziz, que vai nos conduzir até a Rua do Cairo onde estão os melhores. Eu simplesmente perguntei ao Aziz, como você poderia ter feito nesses vinte e cinco anos. Mas é verdade que, se você tem grandes músculos, você tem um cérebro pequeno, e eu não sei como você se arranjou durante todo esse tempo. No entanto, você não é tão mal de cara, e você está com ar de plena saúde.

MATHIEU

- Saúde, Edouardinho, isso é verdade, eu tenho. Vejo como eu pulo esse muro. Eu posso pular dez vezes esse muro antes que você consiga subir nele. É importante ser forte; pra que serve um cérebro grande, pra que é que serve ser esperto quando se é frágil? Vem cá, Edouardinho, eu vou te puxar aqui pra cima e te descer do outro lado e você nem vai perceber, aliás eu também não, porque você é leve como uma bebê. olhe pra esses músculos, olhe como eles estão bem cuidados. Eu acho que as mulheres vão gostar bastante deles. Você, meu pobre Edouard, por que você não dá um pouco de atenção ao seu corpo? Como você quer provocar as mulheres com esses bracinhos

raquíticos e esse pescoço de garça? Edouard, você é meu amigo e eu vou cuidar do seu treinamento. Com alguns meses e alguns meses de paciência, nós poderemos talvez dobrar o volume desse corpinho de serpente.

EDOUARD

- Eu não quero dobrar nada, eu já estou farto do que eu tenho, é bastante suficiente, eu me arranjo bem com este corpo. De qualquer forma, esse corpo de que você toma conta com tanto cuidado está se renovando sem parar, essas células que você mantém ao preço de tanto esforço irão embora amanhã com água e sabão; e, ao fim de sete anos, nada mais vai restar daquilo com o que você é feito hoje; não terá servido para nada passar duas horas treinando todas as manhãs.

MATHIEU

- Sete anos, é muito tempo, e as minhas horas de treinamento me servirão no mínimo para agradar as mulheres; porque eu vou agradar, isso é certo. Vamos correr, Edouard.

EDOUARD

- Aziz não chegou ainda.

MATHIEU

- Aziz me cansa. Ele é sombrio e rabugento, e, mesmo se ele vai para se divertir, ele é tão triste que, se ele não tivesse me dito o contrário, eu acreditaria que ele não gosta de mulher. Por que ele vai ao bordel como quem vai para uma semana de trabalhos forçados?

EDOUARD

- Quando você já tiver ido um certo número de vezes, você irá também cada vez um pouco menos depressa e um pouco menos animado.

MATHIEU

- Enquanto isso, vamos aos trabalhos forçados, ao trabalho, ao trabalho; vamos levantar esse peso, vamos como prisioneiros para a forca, eu gosto desse tipo de punição e eu quero sofrer bastante. Aos trabalhos forçados, ao trabalho!

(ENTRA AZIZ.)

AZIZ

- Vocês estão parecendo dois macacos aí em cima desse muro, e vocês vai acordar a vizinhança. Silêncio, eu não quero história com a família de vocês.

MATHIEU

- Aziz, meu bom Aziz, se você gosta das mulheres, por que você está com essa cara?

AZIZ

- Eu não disse que eu gostava das mulheres, eu disse que eu trepava com elas.

MATHIEU

- Em todo caso, nós estamos indo lá, Aziz, e o mundo é perfeito.

AZIZ

- Eu não sei como é o mundo, mas eu sei que vocês vão acordar a família de vocês. Vamos: eu estou vendo a luz de um quarto, na casa, que acabava de acender.

MATHIEU

- É o quarto de Maame Queuleu. A velha costuma ter insônia. A velha tem saudade da juventude, e se arrepende de não tê-la aproveitado o bastante.

AZIZ

- Eu vou levar vocês até a Rua do Cairo, e deixo vocês lá, porque eu não vou às mulheres hoje. Eu esperarei por vocês no café Saïfi, que fica ao lado.

EDOUARD

- Vem conosco, Aziz. Eu não quero ficar sozinho com esse imbecil.

AZIZ

- Andem logo, andem logo. Uma outra luz acaba de acender. Eu não sou da família, e vou ser despedido se me surpreenderem levando vocês para o mau caminho.

MATHIEU

- É a sua mãe, Edouard; eu acho que ela está indo ver se você está na sua cama, com o seu cachorro de pelúcia. Edouard, corre depressa, sua mãezinha vai chegar na janela.

EDOUARD

- E lá em cima, esse outro que acaba de acender, é o quarto de quem?

MATHIEU

- É o quarto de papai. Vamos dar o fora.

(ELES SAEM.)

11

(VARANDA. ADRIEN. APARECE O GRANDE PÁRA-QUEDISTA NEGRO.)

PÁRA-QUEDISTA

- Todo mundo está dormindo, dentro desta casa, coronel.

ADRIEN

- Não me chame de coronel, eu não sou um militar. Quem é você? Como você entrou?

PÁRA-QUEDISTA

- Esta cidade parece adormecida, burguês. Ela está tomada?

ADRIEN

- Como você entrou?

PÁRA-QUEDISTA

- Pelo céu, evidentemente, nós chegamos esta noite; o exército está aqui, burguês. Não aquele que espreita pelas ruas, não aquele que roda por aí ao abrigo dos carros blindados, não aquele que joga conversa fora nos escritórios, não o exército que fica limpando banheiro sujo, mas aquele que vela entre o céu e a terra. Eu desci do céu como um pequeno floco de neve em pleno verão para que vocês pudessem dormir tranqüilos, com segurança. Porque você acredita talvez que a grossura dos seus muros te proteger? Você acredita talvez que a sua fortuna te protege? Mas tudo isso voaria pelos ares só com um tiro que eu desse entre esses dois olhos.

ADRIEN

- Você bebeu, militar. Eu vou falar com os seus superiores.

PÁRA-QUEDISTA

- Fale, burguês, fale, mas me respeite.

ADRIEN

- Eu respeito você, meu garoto, mas porque você está me agredindo? Você não veio para nos trazer segurança?

PÁRA-QUEDISTA

- Primeiro é preciso trazer a perturbação, se queremos conseguir segurança.

ADRIEN

- Está bem, então, seja bem-vindo, bem-vindo, militar? Eu sou um pequeno-burguês tranqüilo e eu respeito o exército.

PÁRA-QUEDISTA

- Respeite o exército, sim; é ele que te enriquece.

ADRIEN

- E sou eu que te pago, militar.

PÁRA-QUEDISTA

- Menos que o seu empregado doméstico, menos que nada. Com o que dá pra comprar cigarros. E no entanto sou eu que permito que você engorde, e que faça cálculos e política. Nós, os militares, nós somos o coração e os pulmões desse mundo, e você, os burgueses, vocês são os intestinos.

ADRIEN

- Você está muito excitado, meu garoto.

PÁRA-QUEDISTA

- Excitado, excitado, excitado, sim.

ADRIEN

- Então, bem-vindo à sua excitação! Mas saiba que esta cidade é uma cidadezinha calma, tranqüila, que está acostumada com os seus soldados. O lugar de vocês, soldados, é no interior dos muros das suas casernas. Sejam sensatos, sejam tranqüilos, e a cidade vai gostar de vocês, a cidade vai cuidar de vocês. Volte para a sua caserna, por enquanto.

PÁRA-QUEDISTA

- Onde estão as mulheres?

ADRIEN

- Perdão?

PÁRA-QUEDISTA

- As mulheres? Fêmeas, galinhas, cabras, vacas, coelhas, bucetas,

bucetas, onde vocês as esconderam? Eu sinto o cheiro delas; eu sinto que tem mulher por aqui. Anda, burguês.

ADRIEN

- Calma, meu garoto, calma!

PÁRA-QUEDISTA

- Nada de calma. Nós estamos aqui, burguês. Onde estão as mulheres?

ADRIEN

- Aqui só tem damas.

PÁRA-QUEDISTA

- Não se preocupe, papei, eu farei com que elas se tornem mulheres. Esconda suas cabras, o exército está lambendo os beiços.

ADRIEN

- Você não ama este país? Você não ama esta terra? Você é um selvagem que veio para assaltá-la, ou um militar que veio para protegê-la?

PÁRA-QUEDISTA

- Eu amo esta terra, burguês, mas eu não amo as pessoas que a povoam. Quem é o inimigo? Você é um amigo ou um inimigo? Quem eu devo defender e quem eu devo atacar? Não sabendo mais quem é o inimigo, eu vou atirar em tudo que se mexe. Eu amo esta terra, sim, mas eu tenho saudade dos tempos antigos. Eu tenho saudade da calma das lâmpadas a óleo, do esplendor da marinha a vela. Eu tenho saudade da época colonial, das varandas e do grito dos sapos, da época das longas tardes onde, nas grandes propriedades, cada um no seu lugar se alongava na rede, balançava na cadeira de balanço ou se agachava debaixo da mangueira, cada um no seu lugar tranqüilo no seu lugar, e seu lugar lhe pertencia. Eu tenho saudade dos negrinhos correndo debaixo das patas das vacas, e que nós os caçávamos como mosquitos. Sim, eu amo esta terra, e ninguém deve duvidar disso, eu amo a França de Dunquerque a Brazzaville, porque esta terra, eu montei guarda nas suas fronteiras, eu andei durante noites inteiras, com a arma na mão, o ouvido atento e o olhar em direção ao estrangeiro. E agora me dizem que é preciso que eu me deite em cima da minha saudade e que esse tempo acabou. Me dizem que as fronteiras se mexem como a crista das ondas do mar, mas nós morremos pelo movimento das ondas? Me dizem que uma nação existe e em seguida não existe mais, que um homem encontra o seu lugar e em seguida o perde, que os nomes das cidades, e das propriedades, e das casas, e das pessoas dentro das casas mudam no curso de uma vida, e então tudo é colocado em uma outra ordem e ninguém mais sabe o seu nome, nem onde é a sua casa, nem seu país nem suas fronteiras. Ele não sabe mais o que deve proteger. Ele não sabe mais que é o estrangeiro. Ele não sabe mais quem dá as ordens. Me dizem que é a história que comanda o homem, mas o tempo da vida de um homem é infinitamente curto demais; e a história, vaca gorda e

calma, quando acaba de ruminar, bate o pé com impaciência. A minha função é ir para a guerra, e o meu único descanso será a morte.

(ELE DESAPARECE.)

ADRIEN

- Por onde ele entrou, nome de Deus?

IV MAGHRIB
12 NA BEIRADA DA CAMA

(QUARTO DE MATHILDE. MATHILDE E FÁTIMA NA CAMA.)

MATHILDE

- Fátima. Fátima, você está dormindo? Eu estou ouvindo os passos do seu tio no corredor. Ele está se aproximando, ele está em frente à porta, ele hesita. Ele vem para me fazer mal. Ele ousará fazer, à noite, sem testemunha, o que ele não ousou fazer durante o dia. Mexa-se, Fátima, fale alguma coisa, mude de lugar, fale comigo, que ele veja bem que você está aqui. E, se ele entrar, abra bem os olhos e não tire o olhar de cima dele, que ele compreenda que você está acordada. E, se ele não estiver te vendo, porque a raiva o cega, levante-se e gesticule. Todo mundo pensa que você é louca, isso não vai incomodar ninguém. Fátima, minha querida, pára de dormir ou de fingir que está dormindo; seu tio está andando em frente à porta e eu, eu estou com medo. Você acha que eu estou divagando, mas não estou, Fátima, eu te juro que não. Esta cidade está cheia de gente que morre asfixiada debaixo de travesseiros, estrangulada por pequenos cordõezinhos, ou então o golpe do sádico que entrou pela janela, ou do ladrão que veio pra roubar as pérolas. E o seu tio conhece um número considerável de médicos e oficiais de polícia para não correr risco nenhum. Ninguém ficará sabendo de nada. Fim, Mathilde; como Marie; fim. Como e por que saberíamos como e por que as pessoas morre, nesta cidade? A esta hora, a cidade inteira está roncando e com os olhos fechados, exceto os assassinos, exceto suas vítimas. Você não está dormindo; eu reconheço a respiração de quem está dormindo. Você já atravessou, à noite, um quarto onde há pessoas dormindo? Fátima, se você quer sentir repugnância dos homens, entre discretamente no quarto deles, olhe bem e escute-os dormindo. Pra que serve que eles se vistam como burgueses durante o dia, ao passo que metade de suas vidas eles passam esticados como porcos na lama, inconscientes, sem controle sobre eles mesmos, mais vazios de espírito do que um tronco de árvore que deriva sobre um rio, com, digamos, o olho que gira na sua órbita a toda velocidade; e, quando acordam, eles esquecem tudo. Esta hora da noite é assustadora, quando a humanidade inteira sua nos lençóis, quando milhares de pessoas, na mesma hora, arrotam, blasfemam, batem os dentes, suspiram com os olhos fechados, fazem digestão, fazem digestão, arranham a garganta, a boca grande aberta virada pro teto. Eles bem que têm razão de se fechar no quarto para dormir. Todo homem deveria carregar, a cada dia, a vergonha da sua noite passada, a vergonha do abandono do sono. E, eu não fecho a minha porta, porque eu não durmo. Eu deveria tê-la fechado; porque eu ouço o seu tio que arrasta os pés em frente à porta. Fátima, se ele entrar – porque eu acredito que ele vai entrar -, levante-se bruscamente e pergunte a ele como ela foi morta. A surpresa, talvez, fará a verdade sair da boca dele antes que a maldade a feche. Eu estou com medo, minha querida, minha pequena menina. Antes que ele entre – e ele vai entrar -, esconda-se debaixo da cama, e, quando ele quiser me dar o golpe do travesseiro, puxe os pés dele com força, até que ele caia no chão. Fátima, minha querida, não me deixe sozinha; mostre-me um fio de luz por baixo das pálpebras, que eu tenho certeza de que você não está dormindo. Porque eu estou com medo, é sério. Eu estou com medo.

(ADRIEN ENTRA.)

ADRIEN

- Mathilde, você está dormindo? Tanto melhor. Mathieu vai partir para o exército. Eles acabaram descobrindo-o. meus amigos me abandonaram completamente, eu creio. A menos que você tenha alguma cosia a ver com isso. É provável; não há fumaça sem fogo. Seja como for, ele vai para a Argélia, ele será massacrado em um fim de mundo qualquer e será trazido de volta em

pedaços cheio de honrarias. Então eu não terei mais herdeiro. Mas eu estou te prevenindo, minha velha: a usina, você não vai ter. Primeiro, eu quase fui ao cemitério para atirar uma bala na minha cabeça, como nosso avô fez quando seu filho partiu para o exército, e como nosso bisavô fez pelo nosso avô. É uma tradição de família, e é preciso respeitar as tradições. Mas eu renunciarei a isso, porque, primeiro, meu pai não o fez por mim, e segundo está chovendo e os meus sapatos me machucam, e enfim você herdaria a usina e isso, minha velha, eu não quero. Eu não gosto dos seus filhos. Você os educou muito mal. Os filhos, ‘preciso educá-los com bons tapas e sensatos preceptores, senão eles te enchem de merda na primeira oportunidade. Eles vão te encher de merda, minha velha, e não sou eu quem vai te limpar. Mathieu está morto, ou, em todo caso, é a mesma coisa, ele já está praticamente massacrado numa trincheira da Argélia, então agora eu estou pouco me fodendo; também eu não vou me interessar por um futuro morto, eu não sou do tipo que vai até sua tumba e diz: Se ele estivesse vivo... O cadáver possível do meu filho não me interessa. Então, eu herdo de mim mesmo; eu me designo como herdeiro universal; e ninguém mais tocará na minha herança. É preciso respeitar as tradições. As mulheres das nossas famílias morrem jovens, e, geralmente, sem que saibamos exatamente porquê. Já está bem na hora, para você; você, como diz Maame Queuleu, é jovem ainda; quando dizemos que alguém ainda é jovem, é porque esse alguém já está velho. Talvez você se enforcará numa árvore do jardim, como a nossa tia Armelle fez; ou talvez você se jogará no canal, tranqüilamente, sem que ninguém espere, depois de ter dobrado cuidadosamente suas roupas na beira da água, como fez a doce, a discreta, a silenciosa Ennie. Ou então você vai acabar asfixiada sob os travesseiros, como é o hábito para as mulheres inoportunas. Todos esses acontecimentos nunca deram em nada; as autoridades são complacentes, aqui; é uma tradição velha demais da cidade; nós todos temos amigos compreensivos. Enfim, eu suponho. Eu estou achando que meus amigos estão me abandonando. É culpa sua; você fodeu tudo desde que você chegou. Não se pode viver numa cidade como esta sem amigos. Você bate demais, Mathilde. Um dia, vai te acontecer alguma cosia ruim, minha velha. Você já está igual um vaso rachado[1]; um dia, você vai cair e quebrar em mil pedaços. Você bate forte demais, Mathilde, não se pode bagunçar demais as pequenas cidades tranqüilas, nem agitar demais as famílias que vivem tranqüilamente. Você viajou demais, minha velha; as viagens perturbam o espírito, elas deformam o olhar. Você se acha forte demais, e você já está toda rachada. Se a pedra cai em cima do vazo, azar do vaso; se o vaso cai em cima da pedra, azar do vaso. E o vaso, é você. Mathilde. Você tem pressa em conhecer a vida eterna? Eu não gosto que você despreze a minha mulher. Que você me encha o saco, que você queira a minha herança, é normal, a gente tem isso no sangue, é uma tradição. Mas que você despreze a minha mulher, isso eu não suporto. Ela eqüivale à outra, é, ela eqüivale bem à outra. Aliás, eu hesitei um bom tempo entre as duas, e então eu casei com as mais velha, por causa dos bons costumes. Finalmente, eu acabei casando com a segunda; assim, não há mais nada com que casar. Mas eu te proíbo de desprezá-la, Mathilde; por causa disso, eu serei bem capaz de te matar. É quando você dorme que eu prefiro: você cala a sua boca, você nem abre a boca, você escuta quietinha o que eu digo, como uma irmã deve escutar quando o seu irmão está falando. Talvez eu vá dormir durante o dia e viver durante a noite, assim nós seremos irmão e irmã exemplares. Enquanto isso dorme, Mathilde, o seu sono te protege.

(ELE SAI.)

FÁTIMA

- Meu Deus, mamãe, se Edouard fosse assim comigo, eu te juro que eu dava um soco na cara dele de arrebentar, e ele não começaria de novo. Como você se deixa ser feita de boba pelos homens? Isso é vento, blefe, fachada, nada de nada. A mulher é o cinto da calça do homem; se ela solta, ele fica completamente nu. Seu irmão, ele ficaria completamente nu se você o largasse de lado. Por que você não larga dele? O que é que você ganha, senão perder o interesse pelos seus filhos? Porque você nem olha mais pra nós, você está muito preocupada em ficar brigando, e Edouard, o pobre Edouard, está ficando com a cabeça fraca, os parafusos fora do lugar, ele não anda direito e você não repara nada. Você está pouco se fodendo? Mamãe, eu quero voltar pra Argélia.

[1] O autor utiliza aqui a expressão “cruche fêlée”, “vaso rachado” numa tradução literal, mas que, em sentido figurado, refere-se a “pessoa estúpida, meio louca”.

Eu não entendo nada das pessoas daqui. Eu não gosto desta casa, eu não gosto do jardim, nem da rua, nem de nenhuma dessas casas e nem de nenhuma dessas ruas. Faz frio à noite, faz frio de dia, o frio me dá mais medo do que a guerra. Por que você quer ficar aqui, se você passa o dia inteiro brigando com o seu irmão? Na Argélia, você não brigava com ninguém, eu gostava mais de você na Argélia do que na França, lá você era mais forte e você gostava de nós. É porque você gosta de brigar que você voltou pra cá? Diz pra mim: você gosta de brigar, é por isso? Por que a gente fica aqui congelando ao passo que lá nós estávamos tão bem? Eu nasci lá, eu quero voltar pra lá, eu não quero ficar sofrendo em um país estrangeiro, mamãe. Mamãe, você está dormindo? Será possível?

13 EU NÃO QUERO IR

(NA COZINHA.)

MATHIEU

- Aziz, me ajuda.

AZIZ

- É o que eu faço: eu trabalho para o seu pai e para você.

MATHIEU

- Não esta ajuda, Aziz. Me ajuda, meu velho.

AZIZ

- Como eu poderia te ajudar de outra forma?

MATHIEU

- Eles querem me mandar para a guerra. Eu recebi os meus documentos, e eu deveria partir para o exército.

AZIZ

- Todo mundo vai para o exército. Você nasce, mama, cresce, fuma escondido, apanha do seu pai, vai para o exército, trabalha, casa, tem filhos, bate nos seus filhos, envelhece e morre cheio de sabedoria. Todas as vidas são assim.

MATHIEU

- Mas eles vão me mandar para a Argélia, Aziz. Eu não quero lutar, eu não quero morrer. Como você quer que eu me case, que eu tenha filhos, que eu fique velho e sábio se eu morrer em breve?

AZIZ

- Este é o preço que você paga pelos privilégios que você desfrutou. Eu não tinha mias pai, então eu fiz o serviço militar no tempo certo, e ainda não havia guerra, então eu fiz o serviço militar em Commercy, tranqüilamente.

MATHIEU

- Como é o exército, Aziz?

AZIZ

- Não é tão mal assim, meu amigo. A gente levanta cedo, deita cedo, faz esporte, faz amigos, tem licença, a gente não tem problemas de dinheiro, não pensa em nada. É muito bom mesmo.

MATHIEU

- Eu não deveria prestar o serviço militar: eu tenho os pés chatos. Por que eu deveria fazer, já que quem tem pé chato normalmente não faz?

AZIZ

- Você tem os pés chatos?

MATHIEU

- Meu pai tem, então eu também tenho; é obrigatório.

AZIZ

- Se te disseram que você devia fazer o serviço militar, ou é porque você não tem os pés chatos, ou então porque aqueles que têm os pés chatos fazem o serviço militar como os outros; é um ou outro, é obrigatório.

MATHIEU

- É muito longa, uma guerra?

AZIZ

- Eu acho que sim; muito longa.

MATHIEU

- Quanto tempo?

AZIZ

- Uma vez que começou, ninguém sabe quando vai acabar. Talvez os seus filhos ainda participem da guerra.

MATHIEU

- Se eu morrer na guerra, eu não terei filhos.

AZIZ

- Talvez você não vá morrer. Não é todo mundo que morre na guerra.

MATHIEU

- E ferido, Aziz? E se eu voltar doente?

AZIZ

- Não é todo mundo que é ferido, na guerra. Você voltará talvez cheio de saúde e com rosto bronzeado pelo sol.

MATHIEU

- Como é, a Argélia?

AZIZ

- Eu esqueci.

MATHIEU

- lembre-se. Faça um esforço.

AZIZ

- Mesmo com um esforço, eu esqueci completamente.

MATHIEU

- Por que você só pensa em dinheiro, Aziz? Você só trabalha, trabalha para guardar dinheiro. Pare de trabalhar, Aziz; estou te falando.

AZIZ

- Porque eu preciso de dinheiro, e porque eu ganho dinheiro trabalhando e porque, como o seu pai me paga mal, eu não posso parar de trabalhar.

MATHIEU

- Eu vou dizer a ele para te pagar melhor. E a guerra, como é, Aziz?

AZIZ

- Eu não sei, eu nunca soube, e eu não quero saber.

MATHIEU

- Eu também não, eu não queria saber.

AZIZ

- Meu velho Mathieu, não fique triste. Nós vamos esta noite até o Saïfi, e você vai esquecer sua tristeza.

MATHIEU

- Eu não quero esquecer a minha tristeza. E a morte, como é?

AZIZ

- Como você quer que eu saiba? Não precisa mais de dinheiro, não precisa mais de cama pra se deitar, nada de trabalho, de sofrimento, eu suponho. Eu suponho que não seja tão mal.

MATHIEU

- Eu não quero morrer.

AZIZ

- Você será um herói, Mathieu. Os franceses se consideram como quarenta e cinco milhões de heróis, por que você seria exceção, meu velho? Você não é mais babaca do que um outro francês qualquer. Você vai voltar, vai fazer filhos bem depressa para contar a eles sobre a sua guerra. E, se você não voltar, a gente vai contar no seu lugar aos filhos dos outros.

MATHIEU

- Eu não quero sofrer.

AZIZ

- Limpe a sua cara, lá vem Maame Queuleu, ela poderia achar que você está chorando.

MATHIEU

- Mas eu estou chorando, Aziz, estou chorando.

(MAAME QUEULEU ENTRA.)

MAAME QUEULEU

- Você está chorando, Mathieu?

MATHIEU

- Você está querendo rir, Maame Queuleu; eu nunca chorei na minha vida e não é hoje que eu vou começar! **(**Ele sai.**)**

MAAME QUEULEU

- Eu adoro, Aziz, quando a tristeza reina nesta casa. Mathilde fecha a cara para o seu Adrien no salão, Mathieu chora. Fátima geme e reclama do frio, Edouard está mergulhado nos livros, tudo está calmo, silencioso e triste. A casa é nossa.

14

(SINO TOCA AS BADALADAS DA TARDE, AO LONGE.)

MATHILDE (Para o público**)**

- Eu nunca falo à noite, pela simples razão de que a noite é uma mentirosa; a agitação exterior é apenas a marca da tranqüilidade da alma, a calma das casas é traidora e dissimula a violência dos espíritos. É por isso que eu não falo à noite, pela simples razão que eu mesma sou uma mentirosa, que eu sempre fui e que tenho a intenção de continuar sendo; há, não é, tantas letras em um sim e em um não, a gente pode indiferentemente empregar um ou outro. Então, entre a noite e eu, tudo vai mal, porque duas mentirosas se anulam e, mentira contra mentira, a verdade começa a mostrar a horripilante ponto da sua orelha; eu tenho horror da verdade. É por isso que eu não falo à noite; eu tento, em todo caso, pois é verdade também que eu sou um pouco faladeira. A verdadeira tara das nossas vidas, são os filhos; eles se concebem sem perguntar a opinião de ninguém, e, depois, eles ficam aqui, eles te enchem o saco a vida toda, eles esperam tranqüilamente para desfrutar da felicidade para a qual nós trabalhamos toda a nossa vida, e da qual eles gostariam muito que nós não tivéssemos tempo para desfrutar. Seria preciso acabar com a herança: é isso que apodrece as cidadezinhas do interior. Seria necessário mudar completamente o sistema de reprodução; as mulheres deveriam parir pedrinhas: uma pedrinha não incomoda ninguém, a gente recolhe delicadamente, e coloca num canto do jardim, a gente esquece a pedrinha. As pedrinhas deveriam paris árvores, a árvore pariria um pássaro, e o pássaro daria a luz a uma lagoa; das lagoas sairiam os lobos, e os lobos iriam parir e dariam de mamar a bebês humanos. Eu não fui feita para ser uma mulher. Teria eu sido o irmão de sangue de Adrien, nós daríamos tapinhas nas costas, faríamos o vira nos bares, bateríamos quedas de braço, contaríamos histórias de sacanagem um pro outro à noite, e de tempos em tempos brigaríamos feio, daríamos uns socos bem dados um no outro. Mas eu também não fui feita para ser homem não; menos ainda, talvez. Eles são babacas demais. Fátima tem razão. Exceto porque ela não tem verdadeiramente razão. Os homens entre eles sabem ser amigos, quando eles gostam uns dos outros eles gostam uns dos outros, eles não passam a perna uns nos outros; aliás, é porque eles são babacas que eles não passam a perna uns nos outros, eles

nem pensam nisso, falta a eles um ou dois andares em relação a nós. Porque as mulheres, quando elas são amigas, elas passam alegremente a perna umas nas outras; elas gostam umas das outras, e porque elas gostam umas das outras, todo o mal que elas podem te fazer, elas te fazem. É por causa dos andares suplementares na cabeça delas. Nunca diga a alguém que você precisa dele, ou que você está cheio dele, ou que você gosta dele, porque então ele vai logo pensar que é uma razão suficiente para acreditar que já conseguiu, para exigir vestir a calça comprida, para se imaginar com o controle das rédeas, para tomar ares de espertinho; é preciso nunca dizer nada, nada mesmo, exceto nos momentos de raiva, porque aí a gente diz qualquer besteira. Mas, uma vez que não estamos nos momentos de raiva, como agora, e a não ser que se seja uma faladeira horrorosa, é melhor se calar. Seja como for, Adrien vai embora comigo, isso está claro na minha cabeça, eu queria isso, eu terei, eu vim pra cá sem, eu vou embora com. Mas silêncio, nenhuma mentira mais. Mathilde, a noite te traiu.

V
15

(O CAFÉ SAÏFI.)

SAÏFI (em árabe**)**

- Aziz, anda logo, leve seus amigos; diz pra eles pagarem a conta que eu vou fechar o bar.

AZIZ

- Não está na hora, Saïfi. Por que você está com tanta pressa?

SAÏFI

- Eu estou fechando o bar; paguem e vão embora.

AZIZ

- Paguem-no.

MATHIEU

- Esse imbecil só pensa em dinheiro.

AZIZ (em árabe**)**

- O que está acontecendo de errado?

SAÏFI

- **(**em árabe**)**Eu preciso fechar, eu estou falando. **(**em português**)** Cale a boca. Calem a boca, vocês. Eu não quero saber de história. Paguem-me o que devem, andem logo; vão pagando. **(**em árabe**)** Aziz, não fique andando pela rua por agora. A rua está cheia de bandos de fascistas. Eles vão incendiar o bar. Eles ficaram loucos? Paguem logo.

AZIZ

- Paguem-no.

MATHIEU

- O mundo é horrível. Todos os prazeres têm que ser pagos. Eu estou indignado com os prazeres.

EDOUARD

- Não liga não, Mathieu, é a tristeza depois da trepada.

MATHIEU

- Por que as mulheres se jogam em cima de você, Edouard? Você é raquítico, você é mole, você tem o ar débil. As mulheres são umas babacas, eu nunca vou entender nada.

EDOUARD

- Você vai entender, vai entender.

SAÏFI

- Tem alguém que não é desse bairro, que vi rondando meu bar várias vezes, antes de ontem, ontem, e hoje.

EDOUARD

- Talvez ele estivesse indo ver as putas.

SAÏFI

- Não, ele não foi ver as putas.

MATHIEU

- Ele está visitando o bairro; ele está passeando. Não se pode passear no seu bairro, Saïfi, sem que você fique com medo?

SAÏFI

- Não se passeia neste bairro. Eu não disse que estava com medo. **(**em árabe**)** Seus amigos estão me enchendo o saco, Aziz, suma com eles daqui.

MATHIEU

- Parem de conversar babaquices em árabe.

AZIZ (em árabe**)**

- Eu não os trarei mais aqui, eu prometo.

SAÏFI (A Mathieu**)**

- Pague.

MATHIEU

- Por que você pede isso pra mim, Saïfi? Nós somos três, aqui: o raquiticozinho, o árabe e eu. Por que sou eu que você sempre manda te pagar?

AZIZ

- Eu não sou árabe.

SAÏFI (em árabe**)**

- Cale a boca Aziz.

EDOUARD

- Nem eu, eu também não vou pagar.

AZIZ

- Fui eu que trouxe vocês aqui.

EDOUARD

- E fui eu que te tirei da sua casa, Mathieu, senão, você estaria ainda debaixo das saias da sua madrasta.

SAÏFI

- Dêem o fora daqui, dêem o fora, e não me paguem.

MATHIEU

- Se você não é um árabe, então o que você é? Um francês? Um empregado doméstico? Como eu devo te chamar?

AZIZ

- Um imbecil, eu sou um imbecil. Aziz, ninguém lembra desse nome a não ser para pedir dinheiro. Eu passo meu tempo fazendo papel de imbecil em uma casa que não é minha, cuidando de um jardim, lavando balcões que não são meus. E com o dinheiro que eu ganho, eu pago impostos para a França para que ela faça a guerra contra o Front, eu pago impostos para o Front para que ele faça a guerra contra a França. E quem defende Aziz, no meio disso tudo? Ninguém? Quem faz guerra contra Aziz? Todo mundo.

SAÏFI

- Não fale assim, Aziz.

AZIZ

- O Front diz que eu sou um árabe, meu patrão diz que eu sou empregado doméstico, o serviço militar diz que eu sou francês, e eu, eu digo que eu sou um imbecil. Porque eu estou pouco me fodendo pros árabes, pros franceses, pros patrões e pros empregados domésticos; eu estou pouco me fodendo pra Argélia como eu estou pouco me fodendo pra França; eu estou pouco me fodendo para o lado onde eu deveria estar e onde eu não estou; eu não sou nem a favor nem contra nada. E se me dizem que eu sou contra quando eu sou a favor, bem, eu sou contra tudo. Eu sou um verdadeiro imbecil.

MATHIEU

- Ele está bêbado.

EDOUARD

- É o ramadã que o deixa nervoso.

SAÏFI (em árabe**)**

- Você é um argelino, Aziz, e pronto.

AZIZ (em árabe**)**

- Eu não sei de nada, Saïfi, eu não sei de nada.

EDOUARD

- Vamos embora? **(**Eles carregam Aziz e se distanciam.**)**

(SAÏFI SAI. AS LUZES SE APAGAM.)

16

(JARDIM. ENTRAM ADRIEN, PLANTIÈRES, BORNY.)

ADRIEN

- Borny, não faça tanto barulho.

BORNY

- É o Plantières que está colado na minha bunda, a ponto de me fazer perder o equilíbrio.

PLANTIÈRES

- Eu tenho medo que o senhor desapareça no escuro.

BORNY

- Plantières, eu vou te, eu vou te...

PLANTIÈRES

- Faça então.

ADRIEN

- Silêncio. Mas onde está Sablon? Por onde ele passou? Quando ele se separou de nós?

BORNY

- O senhor vê, Plantières; foi Sablon que fugiu. Ah, ah. O senhor cola na minha bunda e, enquanto isso, Sablon desaparece. Ele deve estar na sua casa de campo, e nós, sozinhos, no fogo, na grelha, no front. Ah, ah, Plantières, o senhor é muito habilidosos.

ADRIEN

- Calem a boca, lá vem a menina.

(ELES SE ESCONDEM ATRÁS DOS ARBUSTOS. FÁTIMA ENTRA, SEGUIDA POR MATHILDE.)

MATHILDE

- Pare de inventar coisas, Fátima. Não pense que eu acreditei, nem por um instante. Invenções, besteiras, babaquices. Será que as pessoas aparecem ainda, na nossa época? Era bom

para os pequenos trabalhadores histéricos do campo, no passado. Mas hoje, é grotesco. Mesmo a Santa Virgem não ousaria. E você pensa que eu acreditei? Fique esperta, Fátima, fique esperta; seu tio está apensa esperando uma mínima manifestação da sua loucura para te fazer mal.

ADRIEN

- Ela é esperta, minha irmãzinha.

FÁTIMA

- Lá vem ela: o firo, a luz atrás da nogueira, Marie.

(EXPLOSÃO DO CAFÉ SAÏFI, AO LONGE.)

PLANTIÈRES

- É o café Saïfi.

BORNY

- Cá estamos nós comprometidos.

PLANTIÈRES

- Cale a boca, Borny.

(MARIE APARECE.)

ADRIEN

- Olhem a louca, olhem a louca.

FÁTIMA

- Marie, Marie, mostre-se aos outros também, pois eles não acreditam em mim.

MARIE

- E por que eu mostraria aos outros, maluquinha?

FÁTIMA

- Por que, porque...

MARIE

- Cale a boca. Eu os conheço muito bem; Borny, Plantières, esses seminotáveis, esses filhos de jumento, esse bando de capachos fantasiados de burgueses. Você não acha que eu já tive a minha dose, desses casca-grossa?

FÁTIMA

- Pra mame, pelo menos; ao menos pra ela.

MARIE

- Nem pensar; é uma idiota.

FÁTIMA

- Pro meu tio, então, para que ele não me faça mal.

MARIE

- Ele vai fazer. Ele fez mal a mim, ele vai fazer a você. A riqueza não muda um homem. Esse Adrien, aí, que se esconde nos arbustos atrás de você, saiu de dentro da lama, e ainda tem os pés sujos. O que você acha que ele era, o avô dele? Mineiro, sua estupidazinha, mineiro de fundo de mina, preto de manha até a noite, nojento até na cama conjugal. E o pai dela, então? Mineiro também; e não é porque ele tenha enriquecido que ele deixou de estar sujo de lama até o fim da vida. Vergonha para mim que me misturei com essa família. Eu não vou perdoar. Eu não vou me perdoar nunca. Nós, nós éramos a verdadeira burguesia desta cidade; ninguém tem as mãos sujas na família Rozérieulles. Mas todos esse homens aí, nos arbustos, eles fedem à plebe e a novo rico. E você não vale muito mais.

PLANTIÈRES

- Bom, não acontece nada.

ADRIEN

- A menina, olhem a menina, como ela se agita.

MARIE

- Diz pra sua mãe de minha parte que ela é uma idiota. Esta idiota ficou com a menor parte da herança, e foi ela mesma quem escolheu. Ela ficou com esta casa ridícula ao invés da usina. Já

que ela era da plebe, ela poderia ao menos ser rica. Agora ela não é nada, nada de nada. Eu tenho vergonha por ela. Eu, pelo menos , terei mantido a dignidade da minha classe; mesmo na riqueza, eu a terei mantido.

FÁTIMA

- Senhora, senhora, como a senhora morreu?

PLANTIÈRES

- A menina é louca, não resta nenhuma dúvida. Mas onde está Sablon, só para constar?

MARIE

- Você sabe, minha pobrezinha, o quanto a minha dignidade sofreu, com o seu tio? A primeira vez que ele me levou à casa de seus pais, sua mãe havia preparado em minha homenagem não sei que bolo, um bolo de trabalhador, com maçãs do jardim e não sei que farinha grosseira, e sem dúvida com margarina ou gordura de porco. Mas eu estava preparada para tudo, a não fazer careta, a fingir que engolia. Mas você sabe o que ela fez? Eu ainda tenho vergonha daquilo, e isso me impede de encontrar o repouso.

FÁTIMA

- Como a senhora morreu?

MARIE

- O bolo dela, aquele bolo infame, ela o ofereceu a mim, você nunca vai adivinhar: ela me ofereceu aquele bolo, a mim, embrulhado em papel jornal. Eu não estava pedindo porcelanas, eu não estava pedindo cristal, eu sabia onde eu estava. Mas papel jornal! Isso eu não vou perdoar, eu não os perdoarei nunca.

MATHILDE (A Fátima**)**

- Pare de fingir, pare de simular êxtase? Quais livros você está lendo, neste momento, para estar assim tão alterada?

(SABLON ENTRA, SUSTENTANDO MATHIEU E EDOUARD.)

SABLON

- Serpenoise, Serpenoise, veja o que eu encontrei, na luz dos faróis, titubeando, sujos de sangue, bêbados, voltando do café Saïfi que acaba de explodir.

(ADRIEN APROXIMA-SE DE MATHIEU E DÁ-LHE UMA BOFETADA.

MATHIEU

- E por que eu deveria levar uma bofetada, se já estou sangrando no corpo todo?

ADRIEN (Que lhe dá uma segunda bofetada**)**

- Aqui está uma segunda que anula a primeira. É uma velha lei do Evangelho.

FÁTIMA

- Marie, como você morreu? Mamãe quer saber.

MARIE

- Eu vou embora; estou compressa. Você acha que eu não tenho mais nada pra fazer? **(**Ela desaparece.**)**

(MARTHE ENTRA.)

MARTHE

- Uma aparição, parece que está havendo uma aparição aqui!

MATHILDE

- Esta mulher continua bêbada.

ADRIEN

- E então, Sablon, a louca, você a viu?

MATHILDE

- Minha filha está passando por uma depressão nervosa, só isso. Esta cidade podre faria uma montanha entrar em depressão nervosa.

MARTHE

- Não, é uma aparição, eu tenho certeza. Mas só a inocência tem olhos para vê-la. É assim em La Salette, na rua do Colégio, no monte de Tepeyac, em todo lugar. Mama Rosa, Mama Rosa, tem uma santa no meu jardim.

(EDOUARD E FÁTIMA SAEM.)

SABLON

- Quanto ao seu empregado doméstico, Adrien...

ADRIEN

- Sim?

SABLON

- Morto, completamente morto.

ADRIEN

- Pobre Aziz.

SABLON

- Mas o que o seu filho estava fazendo no café Saïfi?

PLANTIÈRES

- Ah, se nós soubéssemos, meu pobre Adrien! O seu próprio filho! Com as nossas mãos! Mas o que ele estava fazendo lá?

BORNY

- Se nós soubéssemos...

ADRIEN

- Mas eu sabia, meus pores amigos, eu sabia.

17

UMA RELATIVIDADE MUITO RESTRITA

EDOUARD (Para o público**)**

- Se damos um tanto, que seja pouco crédito aos cientistas muito antigos, se eles não se enganaram além do que é razoável; se compreendemos uma parte das teorias dos novos cientistas, que são muito mais complicadas; enfim, se eu acredito que as conclusões dos cientistas são exatas, ou mais ou menos exatas, que elas contêm pelo menos um pouco de verdade, e que eu acredite sem ter absolutamente compreendido as razoes, eu chego no seguinte: se a Terra é realmente redonda, se a sua circunferência tem efetivamente quarenta mil e setenta e quatro quilômetros, se ela gira realmente em torno de si mesma em vinte e três horas e cinqüenta e seis minutos como se afirma, eu me movo neste momento de oeste para leste à velocidade de mil seiscentos e setenta e quase dois quilômetros por hora. Mas eu estou, ao que parece, bem preso ao solo. Agora afirma-se , eles afirmam e eu acredito, que a Terra completa uma revolução em volta do Sol em trezentos e sessenta e cinco dias vírgula vinte e cinco; seu percurso sendo de novecentos e quarenta milhões, quatrocentos e sessenta e nove mil, trezentos e setenta quilômetros, trata-se de uma velocidade de dois milhões, quinhentos e setenta e quatro mil, oitocentos e sessenta e três quilômetros por hora, que se somam aos primeiros; eu me moveria então, exatamente neste momento e sem esforço; à velocidade de dois milhos, quinhentos e setenta e seis mil, quinhentos e trinta e quatro quilômetros

por hora. Eu tenho tendência a acreditar nisso. Nada me prova, senão a minha fé inabalável nos antigos, mesmo se eu não os compreendo completamente, mas eu tenho fé neles, e nos modernos também. Assim, a menos que eu tenha esquecido alguma regra, a menos que alguma lei tenha me escapado, ou que uma página tenha ficado colada na outra sem que eu tenha percebido, se tudo isso é verdade, se eu desse um salto no ar, e que a Terra continuasse sua corrida no espaço, se eu saltar e ficar no ar nem que seja por dois segundos, eu deveria estar, quando caísse, a mil e quatrocentos quilômetros daqui no espaço, a Terra se distanciará de mim a uma velocidade louca, ela terá escapado de mim e eu terei escapado dela. Não há razão para que isso não funcione, os cálculos estão certos, os cientistas têm razão. A única coisa que me confunde, é que ninguém, que eu saiba, tenha tido a idéia de fazer essa experiência antes de mim. Mas sem dúvida os outros são agarrados demais à Terra; sem dúvida ninguém tem vontade de reencontrar Deus sabe lá onde no espaço; sem dúvida os habitantes deste planeta se agarram ao planeta deles com as mãos, as unhas dos pés, com os dentes, para não largá-lo e para que ele não os largue. Eles acreditam que sua aliança com o planeta é irremediável, como as sanguessugas acreditam sem dúvida que é a pele que as mantém presas, sendo que, se elas soltassem suas garras, tudo isso se separaria e voaria pelo espaço cada um do seu lado. Eu adoraria se a Terra andasse ainda mais rápido, eu acho que ela é um pouco mole, um pouco lenta, sem energia. Mas enfim isso á é um começo; quando eu estiver a alguns milhões de quilômetros daqui, em pleno ar, tudo irá melhor. Enfim, eu solto as amarras. Eu espero não estar dando o mão exemplo. Seria desastroso se o planeta se esvaziasse, e mais desastroso ainda se o espaço se povoasse. Em todo caso, eu tento; eu não tenho nada, nada a perder. Dois segundos no ar e tudo irá bem. Eu acho que vai funcionar. Eu acredito nos cientistas, eu tenho fé neles. Espero que eu não tenha esquecido alguma lei. Eu vou saber.

(ELE TOMA IMPULSO, SALTA E DESAPARECE NO ESPAÇO.)

18
AL-‘ÎD AÇ-ÇGHÎR[2]

MATHILDE

- Você está colocando seus sapatos, Adrien?

ADRIEN

- Você me indispôs com todo mundo, eu não tenho mais amigos, meu filho está morto, ou quase; eu não tenho mais nada a fazer nesta cidade.

MATHILDE

- É bom se indispor com os amigos; a cada sete anos é preciso fazê-lo. Não se pode passar uma vida com os companheiros de pensionato. E pra onde você vai?

ADRIEN

- Para a Argélia.

MATHILDE

- Para a Argélia? Você está louco.

ADRIEN

Você bem que foi. Pra onde você queria que eu fosse? Eu não conheço nada fora daqui. Eu nunca saí. Mesmo o meu serviço militar, eu fiz na esquina aqui da rua, por causa dos meus pés que me fazem sofrer, e eu voltava todas as noites para casa.

MATHILDE

- Tem Andorra, Mônaco, Genebra, o todos esses paraísos para os ricos, os únicos lugares do mundo onde vale a pena viver. Lá estamos entre ricos, as guerras nunca chegam até lá, não há crianças ou então há babás cuidando delas por trás das grades, estamos entre pessoas estéreis, velhas, satisfeitas, ninguém incomoda ninguém. Por que todo mundo quer ser jovem? É idiota.

ADRIEN

[2] É o nome da festa que marca o fim do ramadã. Ramadã é o mês muçulmano de jejum obrigatório durante o dia.

- É porque tudo isso deve ficar muito caro. A usina não vai tão bem assim, e eu não creio que eu conseguirei um bom preço por ela. Por sua causa, eu deixei-a de lado; você me deve indenizações, Mathilde; você me reembolsa, assim como por todas as despesas que eu tive com esta casa, e eu vou embora pro Taiti.

MATHILDE

- Você está inventando moda, Adrien. Nem um tostão. Você tem mesmo que ir para a Argélia. O clima é muito agradável, lá.

ADRIEN

- Por que você deixou a Argélia, então, se o clima é tão agradável? Só para me chatear?

MATHILDE

- Eu me aborrecia. As coisas agradáveis me aborrecem. Coisas agradáveis não são deste mundo.

ADRIEN

- Lá não estava havendo guerra, ou alguma coisa assim?

MATHILDE

- Por que você está me falando de guerra? Eu estou falando de coisas importantes.

(MAAME QUEULEU ENTRA.)

MAAME QUEULEU

- Senhora, senhora, sua filha Fátima acaba de passar mal. Ela caiu no chão, como uma árvore arrancada por um furacão, ela está gemendo, se contorcendo, e não deixa ninguém tocar nela.

ADRIEN

- Desabotoe um pouco a blusa dela; tire aquele amontoado ridículo de roupas. Qualquer um passaria mal coberto daquele jeito em pleno verão.

MAAME QUEULEU

- Ela não deixa, senhor, ela diz que está com frio; ela está tremendo de frio, ela está batendo os dentes e ela não deixa.

MATHILDE

- Force-a.

(MAAME QUEULEU SAI.)

ADRIEN

- Então quer dizer que você se aborrecia na Argélia, Mathilde?

MATHILDE

- Eu me aborrecia, sim.

ADRIEN

- Comigo?

MATHILDE

- Eu me aborrecia, Adrien.

ADRIEN

- Eu também, eu me aborrecia.

MATHILDE

- mas você ficou aqui. Por que você se aborreceria?

ADRIEN

- Eu me aborrecia aqui.

MATHILDE

- Você tinha o seu filho.

ADRIEN

- O que isso muda? Eu me aborrecia, aqui, com o meu filho.

(MAAME QUEULEU ENTRA.)

MAAME QUEULEU

- Senhora, senhora, que desgraça!

MATHILDE

- O que foi, agora?

MAAME QUEULEU

- A sua filha estava grávida, senhora, e ela está parindo. O que eu devo fazer? O que eu devo fazer?

MATHILDE

- Bem, faça-a parir, puxe, corte o cordão. A senhora sabe muito bem fazer essas coisas, não?

(MAAME QUEULEU SAI.)

ADRIEN

- Quer dizer então que, com aquele ar de sonsa, sua Fátima sabe se virar muito bem.

MATHILDE

- Não precisa saber se virar, Adrien.

ADRIEN

- Você entende bem do assunto, minha querida irmã.

MATHILDE

- Cala a boca, você. Eu sei de qual pé que eu manco. Adrien, você não pode ir embora. Você tem a sua mulher, sua esposa, sua concubina. A pobre Marthe não pode se virar sozinha. E além do mais eu acho mesmo que ela te ama, meu velho. Não se fica livre assim tão facilmente de uma mulher que te ama.

ADRIEN

- Maame Queuleu tomará conta dela. E além do mais eu estou pouco me fodendo. Eu não vou passar a minha vida cuidando de uma beberrona.

MATHILDE

- Pobre Marthe! Os homens são uns canalhas.

ADRIEN

- Enquanto isso, sua filha – como ela se chama mesmo? Caroline? –, é ela que vai herdar a sua casa. Sua filha é uma espertinha.

MATHILDE

- As mulheres suportam melhor a desgraça, só isso.

ADRIEN

- A desgraça dos outros, sim; elas se satisfazem com a desgraça dos outros. Aliás, como você está bonita, Mathilde, minha irmã.

MATHILDE

- De qualquer forma, ela não vai herdar nada de nada. Eu vendo esse barraco e vou embora.

ADRIEN

- E pra onde você vai, Mathilde, minha irmã?

MATHILDE

- E o que é que você tem a ver com isso, Adrien, meu irmão? O que você tem a ver com isso? Pode me dizer, Adrien?

ADRIEN

- Sim?

MATHILDE

- Eu estou mesmo tão bonita quanto você diz? Bonita ainda, eu quero dizer; um pouco bonita ainda, digamos?

ADRIEN

- Você está muito bonita, Mathilde, completamente.

(MAAME QUEULEU ENTRA.)

MATHILDE

- Qual desgraça a senhora vai nos contar ainda, Maame Queuleu? A senhora está com uma cara de secar as folhas das árvores.

MAAME QUEULEU

- Ah, senhora, seu Adrien.

ADRIEN

- O que foi, então? Ele não sai? A senhora não consegue puxá-lo? Eu devo chamar um médico?

MAAME QUEULEU

- Inútil, seu Adrien. Tudo correu bem, ao contrário.

ADRIEN

- E então?

MATHILDE

- Ele está morto?

MAAME QUEULEU

- Oh não, senhora, bem ao contrário.

MATHILDE

- Como assim, bem ao contrário? Ele está vivo, então?

MAAME QUEULEU

- Eles estão vivos, senhora, eles estão vivos, tem dois. E, logo antes de desmaiar, ela os batizou com dois nomes estranhos.

ADRIEN

- Quais nomes? Quais nomes?

MAAME QUEULEU

- Remo, eu acho; e Rômulo, o segundo.

MATHILDE

- Adrien, você me enche o saco; basta que eu resolva ir embora, abandonar esta cidade, vender e dar o fora, para que você faça a mesma coisa. Eu sou a mais velha, é claro, mas eu já estou cheia de te ver me imitando em tudo.

ADRIEN

- Desculpe, Mathilde, desculpe: eu já estava tomando o meu caminho ao passo que as suas malas nem estão arrumadas, e eu te disse que eu ia embora antes que você falasse sobre isso. Te imitando, eu? Eu não sou louco. Eu sempre me portei bem. Eu nunca aprovei sua maneira de viver. Eu sempre estive do lado das boas maneiras. Eu sempre estive do lado de papai.

MATHILDE

- Do lado de papai, sim, contra mim. Você o imitava como um cachorrinho. Você aprovava o que ele fazia, você me olhava comer de joelhos e zombava de mim.

ADRIEN

- Eu não zombava de você, Mathilde, eu te juro. Era uma expressão de sofrimento.

MATHILDE

- E, agora que nosso pai está morto, sou eu que você quer imitar. Nem pensar. Eu não sou seu papai.

ADRIEN

Eu quero vender e ir embora, eu venderei e irei embora.

MATHILDE

- Bom, eu também. Eu não vejo porque eu desistiria disso.

ADRIEN

- Você vai conseguir uma boa quantia por esta casa, minha irmãzinha.

MATHILDE

- E você pela sua usina, meu velho Adrien.

ADRIEN

- Nem tanto assim, nem tanto assim.

MATHILDE

- Eu também não, nem tanto assim.

ADRIEN

- Você já está começando a falsificar as contas.

MATHILDE

- Eu não estou falsificando nada. Eu sou franca. Eu sempre fui franca.

ADRIEN

- Então, Maame Queuleu, a senhora vai ficar aí xeretando?

MATHILDE

- O que a senhora está fazendo aí, plantada como um tronco de árvore?

ADRIEN

- Fale, ou dê o fora.

MATHILDE

- Fale, Maame Queuleu. O que é que há ainda?

MAAME QUEULEU

- É que...

MATHILDE

- Eles são mal feitos? Eles são cegos? Eles são tortos? Eles são colados um no outro?

MAAME QUEULEU

- Oh não, senhora, bem ao contrário.

MATHILDE

- Bem feitos, então?

MAAME QUEULEU

- Magníficos, infelizmente, senhora. Grandes, fortes, barulhentos, os olhos brilhantes. Esplêndidos, infelizmente.

MATHILDE

- Então, por que a senhora está se lamentando?

MAAME QUEULEU

- Eu não estou me lamentando, senhora, eu não estou me lamentando. É pela senhora que eu lamento.

MATHILDE

- Ah é? Pro mim? E o que pode me acontecer, eu te pergunto?

ADRIEN

- Fale então, Maame Queuleu, ou eu bato na senhora.

MAAME QUEULEU

- É que, seu Adrien, eles são...

MATHILDE

- Sim?

ADRIEN

- E então?

MAAME QUEULEU

- Eles são, eles são...

ADRIEN

- Desembucha, meu Deus.

MAAME QUEULEU

- Negros, seu Adrien; eles são completamente negros, e de cabelo pixaim.

(ELA SAI CHORANDO.)

MATHILDE

- Anda logo, Adrien, nome de Deus, anda logo. Você precisa de horas para amarrar seus sapatos.

ADRIEN

- E as suas malas, Mathilde?

MATHILDE

- Elas estão prontas, meu pobre velho. Eu nunca as desfiz. Anda logo.

ADRIEN

- Já vou, já vou. Mas por que você está com tanta pressa, minha irmãzinha?

MATHILDE

- Porque eu não quero ver os filhos da minha filha crescerem. Aí estão dois que vão zonear esta cidade, meu velho, e isso vai acontecer bem depressa.

ADRIEN

- Eu pensava que você tinha voltado pra zonear a cidade você mesma, Mathilde.

MATHILDE

- Tarde demais pra mim, meu velho. Eu me contentarei em encher o seu saco.

ADRIEN

- não começa, Mathilde, não começa.

MATHILDE

- Você chama isso de começar, meu Adrien?

(ELES SAEM.)